

amm

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XC
Nº 8 - AGOSTO 1988 - Cz\$ 200,00



AS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA

MARIA PRESENTE NA IGREJA ORTODOXA

O momento eclesial brasileiro

**Agora
no Brasil!**

SÉRIE HISTORINHAS DA BÍBLIA



Faça já o seu pedido e receba pelo reembolso postal, escrevendo para:

EDITORA AVE MARIA LTDA.
Rua Martim Francisco, 656
01226 - São Paulo - SP
CAIXA POSTAL 54.165
01296 - São Paulo - SP
ou ainda pelo telefone (011) 826-6111

Cz\$ 340,00 (cada livro)

32 páginas totalmente ilustradas a cores.
Formato prático de 11,5 x 16,5 cm

Série de pequenas obras infantis, fartamente ilustradas, que tem alcançado expressivo sucesso em vários países da Europa e da América.

Empregando recursos próprios da narrativa infantil — como frases curtas, diálogos breves, palavras onomatopáicas, animais personificados — as **Historinhas da Bíblia** destinam-se em princípio a crianças entre 3 e 8 anos de idade. Mas têm também despertado o interesse de crianças maiores como atestam as seguintes opiniões:

“Adotei os volumes das **Historinhas da Bíblia** como obra paradidática para os alunos da 1.^a à 4.^a séries da escola onde trabalho. Foi um sucesso. As crianças desenvolveram muito o conhecimento da Bíblia e da religião, dedicaram-se mais ao desenho, e, principalmente, *interessaram-se bastante pela leitura*”.

*Maria Dolores Sánchez
Orientadora Pedagógica de Escola Pública
Espanha*

“Tenho três filhos de 12, 10 e 7 anos. Comprei um livrinho para cada um das **Historinhas da Bíblia**. Eles gostaram tanto que agora não param de pedir a mim e à minha mulher para comprar os outros da série. Para dizer a verdade, eles já têm todos os volumes...”

*Jorge Piagentini
Argentina*

“Em nossa escola ministramos o ensino religioso, que contudo não é obrigatório. Desde que adotamos as **Historinhas da Bíblia** referentes ao Antigo Testamento como obras de apoio às nossas aulas, constatamos um incrível aumento de interesse das crianças pelas aulas de Religião”.

*Judy Klein
Professora da Escola Israelita
Inglaterra*

Compre hoje mesmo para seus filhos ou alunos um ou mais exemplares das **Historinhas da Bíblia**. Você vai gostar dos livros. Mas as crianças vão adorar!

Títulos já lançados

*O filho pródigo
O dia de ramos
A festa de Natal
Jesus ressuscitou!
O soldado que dava ordens
O caminho da cruz
José ajuda seus irmãos
E o mar se abriu...
Um bebê dentro de um cesto
Zaqueu e Jesus
José, o sonhador
A grande família de Abraão*

Próximos lançamentos

*Leonel, o paralítico
A ovelhinha perdida
Gedeão, o valente
O bom samaritano
O trigo e a erva malvada
A multiplicação dos pães
Deus fez o mundo
Sansão, o superforte
Daniel e os leões
Jesus anda sobre o mar
Davi e o gigante Golias
A arca de Noé*

am 90 ANOS
avemaria

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.
Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209 / 73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.
Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS n.º 14 696)
Administração: Hely Vaz Diniz
Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)
Preparação e revisão: Lupércio E. de Oliveira
Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.
AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.
Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54 215 (CEP 01227) — São Paulo (SP).
A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria**. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura são feitas por banco ou correio.
Preços: números avulsos: Cz\$ 200,00 **assinatura nova e renovação:** Cz\$ 2.000,00; **assinatura de benfeitor:** Cz\$ 4.000,00

Presença solidária de Maria

O aparecimento de Nossa Senhora na história tem mostrado que ela, desde o nascimento, tem sido a pessoa mais solidária na construção do Reino de Deus. Ao anúncio do mensageiro do Senhor, jovem ainda, Maria confirma sua adesão ao plano de Deus, aceita ser mãe do Messias. Sua vocação é singular. Ela não só está presente no acontecimento mas se envolve pessoalmente com ele, partilha seu ser, sua vida.

Esse vínculo entre Deus e Maria, torna-a sem dúvida, a bendita mais que todas as mulheres. O que acontece com ela é força e ação do Espírito Santo e o Messias que nasce é chamado Filho de Deus. O fruto dessa aliança é o Salvador, é a salvação.

Nossa Senhora, Mãe de Jesus, tem portanto esse compromisso, corroborar com a ação do Espírito, o mesmo que está sobre Jesus de Nazaré e que o impulsiona a realizar o Reino, anunciando a justiça e o direito até que triunfem, com sensibilidade tal que não quebra o caniço rachado nem apaga a pequenina chama que ainda fumeja (Mt 12,18ss); com compaixão tal que se apieda ao ver os filhos de Deus dispersos, desorientados não os amedronta nem os apavora, pelo contrário, os reúne e os ensina como bom pastor e mestre (Mt 9,35-36); com misericórdia tal que prefere esta aos holocaustos e sacrifícios (Mt 12,7).

Jesus de Nazaré aparece na história da humanidade como ungido para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para por em liberdade os cativos, para restaurar a vista aos cegos, para publicar o ano da graça do Senhor (Lc 4,18-19). Sua Mãe Maria certamente é envolvida do mesmo Espírito que lhe confere semelhante missão. O aparecimento de Nossa Senhora na nossa história — e todas outras aparições — só poderão estar em sintonia com a missão do Filho. Desde os primeiros passos dos cristãos, Maria é solidária, persevera com a comunidade dos fiéis na oração com o mesmo espírito (At 1,14).

Neste número da Ave Maria o Pe. João B. Megale escreve um artigo sobre “Aparições de Nossa Senhora”. O que Nossa Senhora tem a nos dizer? Como saber se as “aparições” são autênticas? As mensagens estão em sintonia com a boa-nova de Jesus?

O Espírito que impulsiona ao interesse e ao compromisso com a humanidade é o mesmo em Jesus e Maria. Por isso a devoção cristã a Maria, Mãe de Jesus, tem como critério o Evangelho e a construção do Reino.

P.C.G.

Foto da capa (Série AM 90 anos)

“MADONA DOS PAMPAS” — Pintura de Antônio Paim Vieira. A imagem da Virgem é representada por uma figura esbelta e sensivelmente européia como a maioria das populações sulinas. Transporta nos braços o Menino — Jesus —, o qual mais e mais se lhe aconchega ao peito procurando proteção contra o vendaval representado pelos rolos de nuvens sobre coxilhas cobertas de pinheiras; cabelos e roupas esvoaçantes da Senhora maria é a Protetora dos homens contra as tempestades da vida.

SUMÁRIO

- | | | |
|----------------------------------------|---------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| 4 • A IGREJA NO MUNDO | 16 • PROJETO DA IGREJA REDUZ MORTALIDADE INFANTIL | 24 • CIDADES DO MEU BRASIL |
| 6 • CISMA DO SÉCULO | 17 • COLUNA DO MENOR | 25 • PÁGINA CATEQUÉTICA |
| 7 • APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA | 18 • A BOFETADA NO SACERDOTE | 26 • RELENDO A BÍBLIA |
| 10 • MARIA PRESENTE NA IGREJA ORTODOXA | 19 • FALANDO DO PADRE | 27 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA |
| 12 • O MOMENTO ECLESIAL BRASILEIRO | 20 • CONSULTÓRIO POPULAR | 30 • LIVROS RECEBIDOS |
| 15 • A FAMÍLIA, A CRIANÇA E O IDOSO | 21 • ALCOOLISMO | 31 • QUE BOM QUE VOCÊ VEIO! |
| | 22 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA | 31 • O NEGRINHO DO PASTOFEIO |

Ensino religioso na escola pública

Sua identidade, finalidade e quadro de referências, foi o tema debatido no *Encontro Nacional de Bispos*, promovido pelo Setor de Catequese da CNBB, em Brasília, dias 24 e 25 de junho, com Responsáveis por Ensino Religioso em 12 dos 15 Regionais da Conferência. Flataram os Bispos do Amazonas (Norte-1), Mato Grosso do Sul (Oeste-1) e Mato Grosso (Oeste-2). A coordenação foi de D. Vital Wilderink, Pe. Juventino Kaesting e Inês Broshuis (Setor de Catequese da CNBB) e os seis membros do Grupo de Reflexão de Ensino Religioso (GRERE). Foi feito levantamento da situação do Ensino Religioso em cada Regional da Conferência, nas Constituições e Legislações do país. Debateram o que é, hoje, educação, ensino, escola e ensino religioso. Buscaram pistas para encaminhar o Ensino Religioso na Constituinte, Plano Nacional de Educação, Lei de Diretrizes e Base, Constituição Estadual e Municipalização do Ensino. *Concluíram que:* (1) — *O Ensino Religioso é processo de educação, da dimensão de religiosidade dos educadores e educandos, no pluralismo da escola pública, para ajudar numa resposta pessoal a Deus e na descoberta do sentido para a existência;* (2) — *O Ensino Religioso tem como finalidade — ser preâmbulo qualificadoc da catequese e complemen-*

tação aos valores da vida — motivar para o engajamento numa comunidade de fé e inserção no mundo — ajudar desenvolver o sendo crítico e responder às questões essenciais da vida, numa dimensão libertadora da fé — fazer a síntese entre fé e conhecimento e valores fundamentais da vida — ter integração crítica no conjunto do processo da escola; (3) — *O Ensino Religioso tem como quadro de referências — a Palavra de Deus na experiência da Bíblia — a Verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o Homem — os valores humanos. O encontro foi marcado pela busca sobre o atual momento político-educacional e pela preocupação sobre o futuro do Ensino Religioso na Escola Pública.*

UDR x povo brasileiro

Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT) religioso Claretiano, retornou de Roma no dia 29 de junho, onde foi fazer a visita "Ad Limina Apostolorum" — realizada a cada 5 anos pelos bispos ao papa. Reafirmou o que disse no exterior, sobre as ameaças de morte que recebeu antes de viajar a Roma, através de telefonemas anônimos, devido ao seu apoio aberto à reforma agrária. Em conformidade com os próprios documentos da Igreja: "na América Latina os ricos ficam cada vez mais ricos à custa dos pobres cada vez mais pobres".

O bispo de São Félix é natural de Barcelona (Espanha) e desde 1971 está trabalhando no Brasil Central, e é um dos nomes mais visados pelos pistoleiros contratados para eliminar as "incômodas" figuras que "agitam" o campo brasileiro. "A UDR decidiu me eliminar, disse D. Pedro e ao Padre Ricardo Rezende, entre vários outros religiosos da região". Disse ainda, "não ter maiores detalhes" dos planos, mas sabe, através dos trabalhadores da região que "a UDR decidiu pela minha eliminação e de outras pessoas", o que no entanto, não o afastará do trabalho que vem realizando na região, uma das mais tensas do país. Sendo ele um dos mais atuantes em defesa dos oprimidos, principalmente agora em que os constituintes viram as costas para a guerra que acontece no campo.

Em resposta aos acontecimentos, dom Pedro ouviu do próprio papa João Paulo II e cardeais, com os quais conversou muito — "as injustiças no Brasil estão sendo acompanhadas atentamente em Roma, com fatos e nomes, e o papa envia uma benção especial aos perseguidos no Brasil".

Em meio a este contexto candente, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), lançou um relatório completo do quadro de tensões, mortes e ameaças. Este livro relata toda a luta pela conquista da terra no Brasil somente no ano passado. Seu lançamento se deu na Arquidiocese de Goiânia (GO) com o nome

"CONFLITOS NO CAMPO — BRASIL/1987" traz relatos de mortes, ameaças, torturas e assassinatos acontecidos na região onde a injustiça permeia. É uma contribuição valiosa no sentido de desvendar as raízes e a evolução da violência no campo e seu significado para a sociedade brasileira, visto que, mesmo o papa João Paulo II se pronunciou como o defensor da reforma agrária no Brasil.

Primeiro sínodo de Maceió

Para avaliar, renovar e dinamizar a pastoral da Arquidiocese, foi aberto por D. Edvaldo Gonçalves Amaral, Arcebispo Metropolitano, na 1.ª Assembleia, realizada no Vergel do Lago, dias 18 e 19 de julho, com 150 participantes, entre sacerdotes, religiosas e leigos, eleitos nas 43 Paróquias das quatro Áreas Arquidiocesanas. Na palavra de abertura, o Senhor Arcebispo afirmou que espera "novo Pentecostes" desse Sínodo, "uma Igreja que una fé e vida", criando unidade no pluralismo e escutando Maria, que "nos dirá mais uma vez: Fazei tudo o que Ele vos disser". Após a aprovação do *Regimento Interno*, a realidade da Igreja de Maceió foi confrontada com as Diretrizes da Igreja no Brasil, por Pe. Manoel Henrique de Melo Santana, que coordena este projeto com sua 'Equipe de Comunhão e Participação'. Com traba-

lho em grupos, os Sino-
dais levantarão o que
existe na Igreja de Maceió,
o que lhe falta e o que po-
de fazer. Foram propos-
tos, discutidos e votados
*temas para sete Assem-
bléias*, que serão realiza-
das de dois em dois me-
ses: (1) — Evangelização
e Catequese; (2) — Pasto-
ral da Juventude; (3) —
Comunidade Eclesial de
Base; (4) — Igreja no mun-
do do trabalho e nas orga-
nizações sociais; (5) —
Pastoral da Família; (6) —
O cristão e a política; (7)
— Pastoral Sacramentária
e Renovação Litúrgica. Foi
decidido que a 2.^a *Assem-
bléia Sinodal* será Comuni-
dade Eclesial de Base, dias
24 e 25 de setembro pró-
ximo; a 3.^a *Assembléia*
tratará da Pastoral da Ju-
ventude, de 26 a 27 de
novembro deste ano. Este
Sínodo foi preparado nas
bases, durante um ano e
meio, aprofundando as
"Diretrizes da Igreja no
Brasil", traduzidas em lin-
guagem popular. O proje-
to é para outro ano e meio
de trabalho, informou *Ir.
Norberta Milanesi*, um dos
oito membros da equipe
que coordena o Sínodo.

Nordeste tem novos bispos

Para Bahia e Sergipe,
nomeados pelo Santo Pa-
dre, no dia 15 de junho.
(1) — *Padre Mário Zanet-
ta*, italiano, do clero dioce-
sano de Novara, residente
há 19 anos em Paulo
Afonso na Bahia, onde era
Coordenador da Pastoral
há 9 anos e Vigário há 4
anos, foi nomeado *Bispo*

*Diocesano de Paulo Afon-
so*. Tem 50 anos de idade
e 26 de sacerdócio. Foi vi-
gário cooperador em No-
vara durante 7 anos e des-
de 1969 está no Brasil,
servindo à Igreja em Pau-
lo Afonso. Foi Reitor do
Seminário Diocesano, res-
ponsável por Pastoral Vo-
cacional, Catequética e
Rural, comprometendo-se
com a questão indígena e
a problemática de barra-
gens. Será ordenado Bis-
po na Catedral de Paulo
Afonso, dia 14 de agosto
próximo, às 15 horas, com o lema "Acreditamos
na Caridade" (1 Jo 4, 16).
(2) — *Padre João Messi*,
italiano, da Ordem dos
Servos de Maria, residen-
te há 6 meses no Ipiranga
em São Paulo, onde era
Vice-Provincial, Reitor do
Seminário e Vigário Co-
operador, foi nomeado *Bis-
po Auxiliar da Arquidioce-
se de Aracaju, no Sergipe*.
Tem 53 anos de idade e
30 de sacerdócio. Veio
para o Brasil em 1953, fa-
zendo o 3.^o ano de filoso-
fia e dois anos de teologia
no Ipiranga em São Paulo.
Terminou os estudos em
Roma, onde foi ordenado
em 1958. Retornou ao
Brasil, sendo vigário co-
operador e mestre de novi-
ços, nos três primeiros
anos de ministério. Traba-
lhou 20 anos no Rio de Ja-
neiro (1962-1982), na Pa-
róquia Nossa Senhora das
Dores, no Rio Comprido.
Dirigiu o Seminário dos
Servitas em Curitiba por
quatro anos (1983-1987).
Deseja ser ordenado Bispo
no Rio de Janeiro, no en-
cerramento do Ano Maria-
no, 15 de agosto, e terá
como lema, "Ave Cheia
de Graça".

Apelo chega ao presidente

Brasília (AGEN-Paran-
tim) — Um genocídio de
proporções inéditas foi
desencadeado em ter-
ritório Yanomami, amea-
çando a vida de 9 mil ín-
dios. A denúncia foi feita
por senadores e deputados
ao presidente Sarney,
solicitando-lhe "urgentís-
sima intervenção" para
conter o processo de ex-
termínio. Os parlamenta-
res enfatizaram que houve
uma evacuação seletiva
na área, proibindo-se o
acesso de médicos e mis-
sionários e permitindo-se a
entrada de garimpeiros,
que continuam circulando
livremente em terras indí-
genas. De acordo com os
constituintes, 6 mil garim-
peiros invadiram a área.
Esse número teria evoluído
1000% entre agosto
do ano passado e março
de 88, apesar da interdi-
ção determinada pelo Mi-
nistério do Interior, em
1982. Os senadores Se-
vero Gomes (PMDB-SP),
Jarbas Passarinho (PDS-
PA), Mário Covas (PMDB-
SP), Fernando Henrique
Cardoso (PDSB-SP), Luiz
Viana (PMDB-BA), Virgílio
Távora (PDS-CE) e os de-
putados Alceni Guerra
(PFL-PR), Plínio de Arruda
Sampaio (PT-SP), Lúcio
Alcântara (PFL-CE), Carlos
Sabóia (PSB-MA) denun-
ciaram ainda a existência
de surtos de malária, gri-
pe e hepatite entre os ín-
dios, provocados pela pre-
sença do branco. Os cons-
tituintes lamentaram que
a evolução dessas molés-
tias, através do contato
desordenado com os inva-

sores, não esteja sendo
acompanhada pelas equi-
pes da Comissão pela
Criação do Parque Yano-
mami (CCPY), cujo convê-
nio foi suspenso pela FU-
NAI, em setembro do ano
passado, após o conflito
que causou a morte de
quatro índios e um garim-
peiro. Os parlamentares
alertaram o presidente de
que a invasão garimpeira
transforma-se num fator
de desmoralização das de-
terminações governamen-
tais. "Acreditamos não
ser demasiado tarde para
que o governo recupere
sua autoridade e contenha
o processo genocida que
levaria ao desaparecimen-
to da última etnia isolada
de nosso País e do mun-
do", afirmaram. O docu-
mento foi entregue ao as-
sessor especial, Thales
Ramalho, em março, mas
o presidente da República
somente tomou conheci-
mento dele em maio.

Romaria da terra

São Luís (AGEN). Movi-
mentos populares e comu-
nidades de base estão pre-
parando a 3.^a Romaria da
Terra do Maranhão, a ser
realizada no dia 10 de se-
ntembro, em Imperatriz, ci-
dade onde foi morto o pa-
dre Josimo Moraes Tava-
res, a 10 de maio de
1986. "Terra, o clamor
deste povo" é o tema da
3.^a Romaria da Terra do
Maranhão.

Brevemente o repre-
sentante da revista *Ave
Maria*, JOÃO MENEZES,
estará visitando as seguin-
tes cidades paulistas: Bui-
tuva, Cerquilha e Tietê.

Cisma do século

Avelino S. de Godoy

Aconteceu o primeiro grande cisma (separação) deste século, na Igreja Católica Romana, provocado pelo arcebispo Marcel Lefébvre de 82 anos, desobedecendo ao sucessor de Pedro, João Paulo II ao consagrar quatro bispos. A sagração dos bispos se deu em Ecône na Suíça, a 30 de junho, no interior de uma grande tenda armada diante do seminário da Fraternidade Pio X, em presença de grande número de fiéis tradicionalistas. Estava também presente na cerimônia o ex-arcebispo de Campos, Rio de Janeiro, Dom Antônio de Castro Mayer, 84 anos, adepto das ideias de Lefébvre.

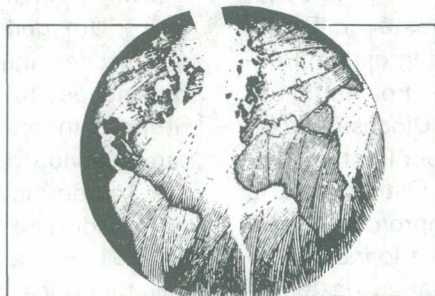
Lefébvre acusa o papa, entre outras coisas, de estar "destruindo a Igreja" por seguir caminhos que não são os do verdadeiro catolicismo.

O Vaticano anunciou logo após a cerimônia de sagração a excomunhão, nos termos do cânon 1.013, que dispõe — "nenhum bispo pode consagrar a outro sem mandato do sumo pontífice". E o que Lefébvre fez caracterizou-se formalmente como ato cismático, que segundo também o cânon 751 "rejeitou abertamente submeter-se ao papa". Tanto Lefébvre como os bispos por ele sagrados, Bernard Fellay, Bernard Tissier de Mallerais, Richard Williamson, Afonso de Galarreta, são "ipso facto" excomungados da Igreja.

Desde que foi suspenso pelo Vaticano em 1.976, Lefévre tem ordenado padres, mas, esta é a primeira vez que sagra bispos, incorrendo em grave erro, pois a escolha dos bispos é privilégio de papa.

Em Sion, a poucos quilômetros de Ecône, o episcopado suíço reuniu nas igrejas da região um grande número de católicos que apoiam as posições oficiais de Roma e de João Paulo II e oraram para que se pudessem evitar o cisma.

Segundo alguns analistas, este cisma assume um caráter sobremaneira simbólica, já que, isto aconteceu durante o pontificado de João



Paulo II, tido por eles, como um dos papas mais conservadores deste século.

O último cisma da história da Igreja ocorreu em 1870, quando um grupo denominado "velhos católicos" rompeu com o Vaticano, depois que o Concílio Vaticano I proclamou a doutrina da infalibilidade papal. No plano pastoral, o cisma de Lefébvre, origina uma outra Igreja presente em cerca de 30 países, com um número impreciso de fiéis. Mas, ao mesmo tempo, fortalece a autoridade do papa sobre os católicos que permanecem ligados a Roma.

A excomunhão é uma censura, uma pena "medicinal" porque mais que punir, sua finalidade é corrigir os que falham. Priva membros da Igreja do acesso aos sacramentos, ofícios e ministérios eclesiásticos, só não privando da salvação, já que este depende do próprio arrependimento e não de disposições legais.

Paradoxalmente a todos estes acontecimentos, a Igreja considera que os bispos ordenados por Lefébvre são plenamente bispos, porque a ordenação foi válida, embora ilícita.

A CNBB através do seu vice-presidente e arcebispo de São Luís do Maranhão D. Paulo Eduardo Andrade Ponte, considerou um ato "profundamente lastimável" a iniciativa do arcebispo francês Marcel Lefébvre de ordenar os referidos bispos. O episcopado brasileiro — o maior do terceiro mundo — "compartilha do sofrimento de toda a Igreja pelo cisma, enquanto admira o es-

forço do papa João Paulo II para manter a unidade católica", D. Duarte Ponte considera ainda "um mau exemplo" a presença do bispo de Campos (RJ) na cerimônia de Ecône.

O teólogo franciscano Leonardo Boff, um dos principais teóricos da teologia da libertação, disse que: — o cisma vai obrigar o Vaticano a "avaliar diferentemente" o grupo tradicionalista a tomar mais cuidado com ele". Para Boff, a decisão de Lefébvre, demonstra que é o "grupo conservador" e não o "progressista", que ameaça a unidade da Igreja.

D. Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo, lamenta profundamente, que D. Mayer, tenha chegado a este extremo, apesar dos apelos que lhe foram dirigidos. Que o rompimento não seja definitivo, embora o caminho da volta pareça sempre mais difícil.

O cardeal africano, prefeito da Sagrada Congregação para os bispos do Vaticano, Bernardin Gantin, divulgou um decreto estendendo ao bispo de Campos (RJ) D. Mayer a pena de excomunhão. O último bispo brasileiro a receber tal sentença foi D. Carlos Duarte Costa, bispo de Botucatu (SP), a 43 anos atrás, pelo papa Pio XII, por ter fundado a Igreja Católica Apostólica Brasileira.

O papa João Paulo II publicou no dia 2 de julho uma carta, de próprio punho, fazendo um apelo emocional, paternal e fraterno aos seguidores de Lefévre, "para que cumpram o grave dever de permanecerem unidos ao vigário de Cristo na unidade da Igreja Católica", ressaltando que, "ninguém deve ignorar que a adesão formal ao cisma constitui uma grave ofensa a Deus e implica na excomunhão estabelecida pelo direito da Igreja. No mesmo documento o papa criou uma comissão especial para facilitar a plena comunhão eclesial, dos que desejarem continuar unidos ao sucessor de Pedro na Igreja Católica Romana. ■

As aparições de Nossa Senhora

Pe. João B. Megale, cmf



A corrida às aparições

O *Lar Católico* publicou uma entrevista minha sobre as aparições de Nossa Senhora (17-23.04.88). Acabo de chegar de um encontro com 50 sacerdotes em que, por dois dias, estivemos conversando sobre Nossa Senhora, não faltando o tema das aparições. Naquela região, num lugarejo chamado Congonhal, MG, há pouco, teria aparecido a Mãe de Deus. Para lá, semanalmente, afluem numerosas pessoas. O assunto está se tornando de tal vulto que os

bispos brasileiros resolveram escrever um documento.

Por outro lado, dentro do catolicismo, são muitos os que não acreditam em aparições. O clero mostra-se, via de regra, crítico. A Igreja oficial procede com muita cautela. Mas não podemos deixar de constatar esse surto de aparicionismo.

O fenômeno é considerado de diferentes modos. Piamente crido, ou rejeitado como fanatismo, neodevocionismo, desvio inquietante da verdadeira fé. É visto como expressão alienante do inconsciente religioso coletivo de um povo que sofre e

perdeu a fé nas leis e nos homens. Só Deus pode salvar! Há quem o veja como uma repercussão em cadeia. Depois que Bernadete viu Nossa Senhora em Lourdes, em menos de um ano, mais de 50 pessoas afirmaram tê-la visto também! De 1933, data da última aparição aprovada pela Igreja, até hoje, contam-se mais de 200 aparições não reconhecidas ou desfavoravelmente julgadas!

Pessoalmente, prefiro encarar o fato do ponto de vista pastoral. A questão primeira não é um juízo: "São verdadeiras. São falsas". A

primeira pergunta que devemos fazer é: “O que leva tanta gente atrás das aparições, hoje?”

A corrida às aparições tem suas ambigüidades, mas, olhando mais profundamente, descubro nela a maneira como o povo procura expressar a necessidade que sente da presença de Nossa Senhora. Nossa Senhora pode não estar aparecendo tanto, como, de fato, penso que não está. Mas o povo está desejando que Ela apareça. “Ver aparições” é uma maneira de expressar sua fé, sua confiança, suas necessidades.

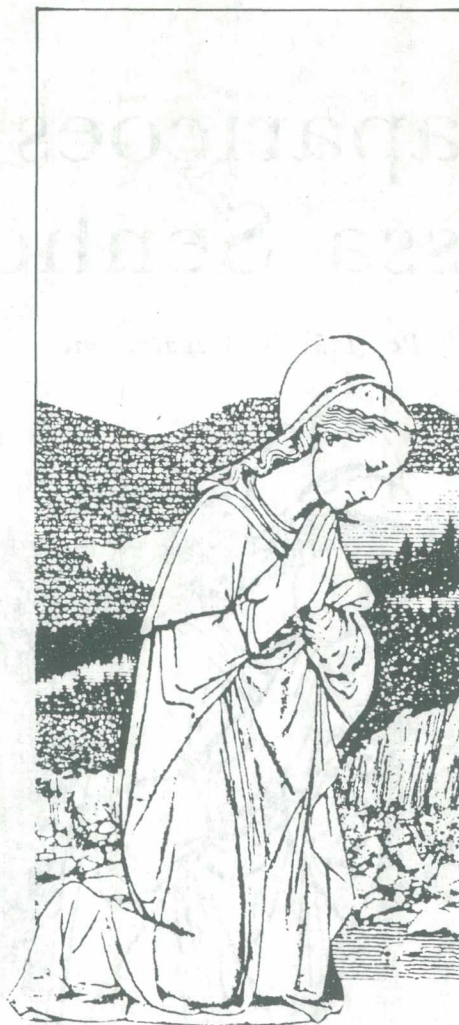
Anteriormente ao Concílio Vaticano II, a devoção mariana tinha vivido um período de grande esplendor. Novos tempos, novos estudos da Bíblia pediram uma atualização quanto ao enfoque dessa devoção, o que veio com o Concílio.

Após um período pós-conciliar em que as manifestações de amor a Nossa Senhora ficaram num certo ostracismo, assistimos, agora, a um novo florescimento. Nem podia ser diferente, pois “Maria representa o símbolo cultural mais forte e mais popular dos últimos dois mil anos do ocidente cristão” (A. Greeley).

Respeito, pois, a vontade de sentir a volta de Nossa Senhora, manifestada nessa ânsia de aparições, mas é preciso situá-las nas grandes coordenadas da História da Salvação em que o Concílio nos mostra a figura de Maria. Colocar “as aparições” na “Aparição de Jesus, Filho de Deus e de Maria”. É o que a Igreja procura fazer quando examina a autenticidade de uma aparição.

O procedimento da Igreja

Foi em 1917 que Nossa Senhora apareceu em Fátima a três pastorinhos, mas só em 1930, treze anos depois, o bispo de Leiria, a cuja diocese pertencia Fátima, autorizou a construção da igreja que hoje acolhe milhares de peregrinos, alguns muito ilustres, como os papas Paulo VI e João Paulo II. O culto pú-



blico em um lugar de aparições só recebe aprovação depois que a Igreja se pronunciou positivamente sobre o caráter sobrenatural das mesmas.

Nos inícios, a Igreja se mantém em silêncio, mas quando os fatos começam a tomar vulto, ela crê uma obrigação sua intervir. Jesus confiou ao magistério da Igreja o “ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida” (Vaticano II, DV 10), norma que vale também para todo o desenvolvimento teológico, que inclui as aparições.

Por “magistério da Igreja” entendemos o bispo do lugar das aparições, os bispos conjuntamente da região, a Sé Apostólica de Roma. Daí que a aprovação pode ser em nível diocesano, regional ou universal. Em geral, há aprovação local.

Antes de se pronunciar, a Igreja instaura um *processo*. Nomeia uma comissão composta, geralmente, de teólogos, médicos, psicólogos

etc. A comissão conclui seus trabalhos emitindo um parecer que é entregue à autoridade da Igreja, à qual cabe dar o juízo, confirmando ou não, a sobrenaturalidade do fato. Entre a instauração do processo e o juízo da autoridade pode transcorrer um tempo mais ou menos longo. As aparições de Lourdes se deram em 1858 e a aprovação do culto em 1862. Em *Medjugorje*, nossa Senhora teria começado a aparecer em 1981 e ainda existe um juízo oficial.

Os *pontos examinados* no processo são três. A pessoa dos videntes: qualidades naturais, comportamento religioso, família, grau de instrução, normalidade psicológica etc. O acontecimento da aparição: data, lugar, testemunhas, fenômenos, milagres que o acompanham etc. Por fim, a mensagem da aparição: se está de acordo com os evangelhos, os dogmas da Igreja, os ensinamentos de nossa fé em geral.

As *normas fundamentais* que orientam a Igreja são aquelas reunidas pelo papa Bento XIV (1740-1758). Estas normas podem resumir-se nos seguintes itens:

A aprovação da Igreja, após atento exame, é uma permissão com o objetivo de que a aparição seja conhecida para a edificação dos fiéis. As aparições, disse João XXIII, “comunicam regras de conduta, mais do que verdades” (18.02.1959).

Os católicos devem aceitar o juízo da Igreja não como se fosse a proclamação de um dogma, mas com o acatamento que se presta às palavras de uma autoridade que merece nosso respeito. Após o pronunciamento da Igreja, se alguém tem motivos para não acreditar, pode fazê-lo, dentro do respeito à fé dos demais.

A aprovação da Igreja deve ser considerada como algo positivo e incentivador, não apenas como uma licença que se dá a um fato que se tolera. As aparições são um modo de presença de Nossa Senhora, pela qual Ela nos alcança muitas graças de seu Filho.

Visitação e visitasões de Nossa Senhora

Maria, moça simples de Nazaré, não teve o último capítulo da sua história na Galiléia do império romano. O livro de sua vida ainda continua. Do cenáculo, Ela partiu para a Europa, foi cantada nos versos dos trovadores medievais, nas naves dos conquistadores atravessou os oceanos e, “de pés descalços”, chegou à nossa América. Ela continua em nosso meio. Quem de nós ainda não a recebeu em sua casa?

Os livros do Novo Testamento e a história da Igreja não falam de Maria como de alguém que existiu, mas de alguém que existe e está presente. A última encíclica mariana, *A Mãe do Redentor*, é uma espécie de contemplação sobre a presença de Maria na Igreja estimulando a santidade de seus filhos melhores, orientando-os pelos caminhos heróicos da doação evangélica e missionária, em favor dos pobres, dos pequenos, dos simples, dos que sofrem, dos que esperam a mensagem de Cristo” (Cf. *Fazei tudo o que Ele vos disser*, p. 37).

Essa presença de Maria, atestada pelo Novo Testamento e pela fé da Igreja, é que constitui o fundamento teológico das suas aparições. O dogma mariano que está na base dessa teologia é a assunção: “Assunta aos céus, Maria... cuida dos irmãos de seu Filho que ainda peregrinam” (LG 62).

A sua é, normalmente, uma presença discreta, invisível. Mas, às vezes, se deixa ver visivelmente, através das aparições. As aparições se inserem na grande pedagogia da encarnação. “Pelas coisas visíveis, chegamos às coisas invisíveis”, pelas aparições ao coração da fé.

As aparições de Maria tornam presente o fato bíblico da Visitação à prima santa Isabel. O que moveu a Mãe de Jesus a visitar a mãe de João Batista foi a vontade de servir, de ajudar. Essa é também a função das aparições. Elas atualizam, recor-



dam, vivificam, esclarecem pontos fundamentais da nossa fé. Nossa Senhora não teve a missão de exercer o magistério dentro da Igreja, como é próprio dos apóstolos e dos bispos. O seu carisma foi de ser testemunha materna do Filho e a de apoiar com sua presença nossa fé.

Maria, quando mocinha, teve a aparição de um anjo. Nessa aparição, Ela sentiu que a força do Espírito a visitava. O Espírito, nessa visita, deixou-nos de presente o Salvador do mundo. Ela agora retribui a visita do Espírito, visitando, algumas vezes, a nossa terra.

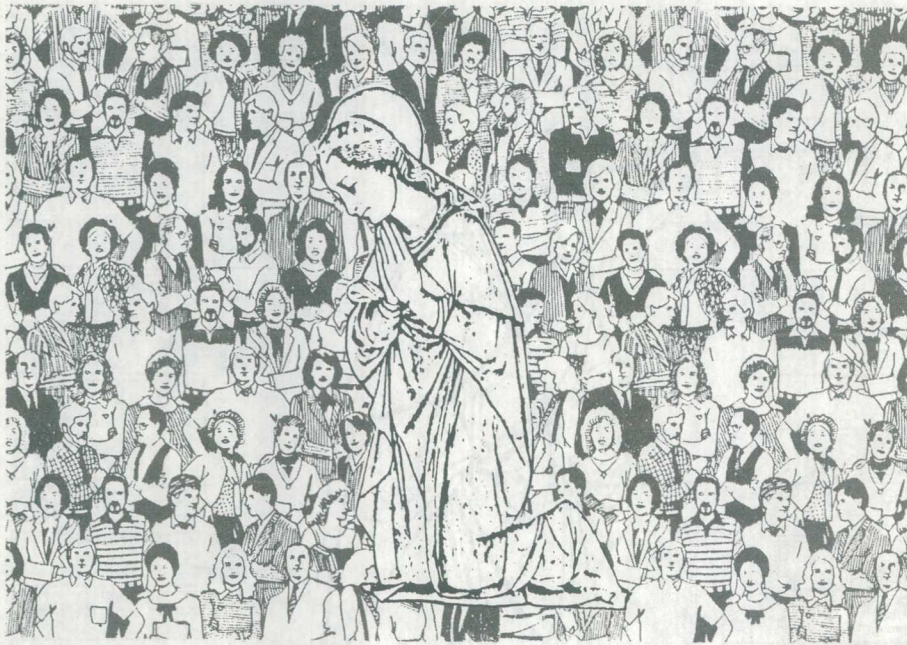
As aparições de Maria são graças do Espírito para a Igreja. Elas revelam que Maria, aquela que está mais perto de Cristo, é aquela que está também mais perto dos homens. A Igreja não é só instituição. É também carisma, mistério, testemunho que se revela, de modo especial, nos pequenos, nos humildes, nos que, aos olhos do mundo, não contam.

Orientações pastorais

Com relação à devoção a Nossa Senhora, o Concílio Vaticano II nos deixou duas normas preciosas: “Abster-se com diligência tanto de todo o falso exagero, quanto da demasiada estreiteza de espírito” (LG 67). Estas orientações se aplicam com grande oportunidade ao assunto das aparições Marianas, cujas reações por parte dos fiéis constituem um caso típico de piedade popular mariana.

a) **Falso exagero.** Entre os exageros possíveis e reais, aponto os seguintes:

• **Unilateralismo.** Alguns se deixam empolgar de tal modo pelas aparições, pelos segredos e mensagens, que esquecem a Palavra de Deus e o ensino da Igreja. Há gente que sabe de cor as palavras de tal e tal vidente, mas não lê o que a Bíblia fala sobre Nossa Senhora, nem



conhece, por exemplo, a encíclica *A Mãe do Redentor*.

- **Devocionalismo.** Alguns transformam as mensagens das aparições em momentos exclusivamente celebrativos e em práticas devocionais. Esquecem o aspecto mais fundamental que é o apelo à conversão, ao compromisso evangélico, ao cumprimento dos próprios deveres. Quando Nossa Senhora aparece, ela evangeliza e vem chamar-nos para trabalhar na evangelização, participando na pastoral da nossa paróquia e da nossa diocese.

- **Reduccionismo.** Alguns só prestam atenção a um ponto da mensagem. Por exemplo, à reza do terço, ou aos perigos da impureza. Isto está bem, mas não é tudo. Uma aparição é uma luz sobre toda a Bíblia, sobre todos os mandamentos. É a totalidade do Evangelho que vem interpelar-nos.

- **Apocalípticismo.** De Apocalipse. Alguns se deixam impressionar e procuram impressionar os demais com as ameaças de castigos, de guerra, de trevas, de fins de mundo.

- **Ideologização.** Alguns canalizam as mensagens de tal modo que possam ser úteis à sua própria mentalidade social e política. Daí os anti-socialismos, anti-comunismos, anti-libertacionismos prosaicos. Tam-

bém tenho visto o contrário. Uma vez me contaram que Nossa Senhora estava aparecendo na Nicarágua e que Ela tinha pedido que não se construísse nenhuma capela, mas queria que se construísse a Igreja — povo.

- b) **Demasiada estreiteza de espírito.** É o erro oposto. É a repressão sistemática, é a ridicularização das aparições e das pessoas de boa fé que nelas acreditam. É o pouco respeito à fé do povo. É o excesso de racionalismo que se infiltrou na fé cristã. Se muitos teólogos soubessem quanta teologia está escondida na velinha que os devotos acendem na gruta de Lourdes!

Conclusão

Impressiono-me com o excesso de aparições marianas no momento atual. A agenda de audiências de Nossa Senhora deve estar lotada! Mas não posso deixar de me fazer duas perguntas:

Estaria Deus querendo dizer-nos alguma coisa através desse povo sedento do sobrenatural?

Não estaria a Igreja necessitando rever a sua pastoral sobre a piedade popular mariana? ■

O amor e o louvor a Maria, a mãe de Deus (*theotokos*), é um profundo laço de união entre a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica (RM, 31). Nossos irmãos da Igreja Ortodoxa percorreram, em sua história da fidelidade ao Senhor, uma autêntica “peregrinação de fé”; nesse itinerário, “olharam sempre com confiança ilimitada para a mãe do Senhor, celebraram-na com elogios e a invocaram com orações incessantes. Nos momentos difíceis da existência cristã, cheia de provações, ‘eles se refugiaram sob sua proteção’, conscientes de nela ter uma poderosa ajuda” (RM, 31).

A veneração de Maria ocupa nas igrejas ortodoxas um amplo espaço de sua piedade. Para elas, Maria é a *theotokos*, a sempre virgem, a que exerce uma função mediadora em nome do gênero humano diante de seu filho. Os teólogos ortodoxos de nosso século se opõem aos dogmas marianos, assim como se opõem à infalibilidade do papa; mas, justamente no Oriente, as doutrinas da imaculada e da assunção encontraram seus primeiros defensores: os ortodoxos entendem que Maria foi, durante sua vida, *toda santa*, isto é, de uma santidade perfeita; e, depois de sua morte, foi elevada gloriosamente ao céu. Para nossos irmãos ortodoxos, Maria é o modelo da nova criação, a inauguração do mundo divinizado. O teólogo ortodoxo G. Joannides disse: “Para nós a Virgem é a mais amada de todos os santos, pois foi a dolorosa mãe de Cristo. É justamente a relação com Cristo que, na comunhão dos santos, confere a Maria um posto de honra. A virgem é venerada, acima de tudo, pela dor imensa que padeceu

Maria presente na Igreja Ortodoxa

José Cristo Rey García Paredes



ao ver seu filho pregado e morto na cruz. E, por isso mesmo, ela pode compreender e aliviar a dor de todos”. E o professor Kalagirou, representante ortodoxo no congresso mariológico de Malta em 1983, escreveu: “Os ortodoxos consideram a intercessão de Maria no contexto do culto de toda a Igreja celestial descrito pelo Apocalipse, ao qual se une a Igreja peregrinante em sua liturgia comunitária. Maria ora com a Igreja e pela Igreja, como no cenáculo, enquanto estavam à espera do Espírito Santo. Exatamente assim que a iconografia e a própria liturgia, expressão e raiz da fé, representam Maria”. O ano litúrgico bizantino começa e acaba em nome de Maria, com duas festas marianas que comemoram tradições popula-

res. Entre as doze festas solenes maiores do ano litúrgico ortodoxo, quatro delas correspondem a Maria (Natividade, Apresentação, Anunciação e Morte). “Não é surpresa, portanto, o fato de Maria ocupar um lugar privilegiado no culto das antigas igrejas orientais, com uma abundância incomparável de festas e hinos” (RM, 31). Grandes santos, como Cirilo de Alexandria, Efraim, o Sírio, chamado “a cítara do Espírito Santo”, Gregório de Narek, João Crisóstomo e outros têm sido os grandes inspiradores dessa devoção mariana (RM, 31-32).

“As imagens da Virgem têm um lugar de honra nas Igrejas e nas casas” (RM, 33). As imagens de Maria no Oriente constituem um verdadeiro recital de teologia. O II

Concílio Ecumênico de Nicéia, realizado no ano 767, defendeu as imagens da mãe de Deus, dos anjos e dos santos das mãos dos iconoclastas. “Maria é representada como *trono de Deus*, que carrega o Senhor e o entrega aos homens (*theotokos*), como *caminho* que leva a Cristo, mostrando-o (*odigitria*), como *suplicante*, em atitude de intercessão e sinal da presença divina no caminho dos fiéis até o dia do Senhor (*deisis*), como protetora que estende seu manto sobre os povos (*pokrov*), ou como virgem misericordiosa de ternura (*eleousa*). A Virgem é representada habitualmente com seu filho, o menino Jesus, que carrega nos braços: é a relação com o filho que glorifica a mãe. Às vezes ela o abraça com ternura (*glykofilousa*); outras vezes, hierática, parece absorta na contemplação daquele que é o Senhor da história (*Apocalipse* 5, 9-14)”. A encíclica é consciente do significado sacramental dos ícones dentro da espiritualidade ortodoxa. O ícone torna *presente* a realidade que representa; e trata-se de uma presença não só simbólica, mas cheia de eficácia.

Através dos ícones de Maria, ela se aproxima de nós, exercendo sua proteção sobre os fiéis a Deus. “Nesses ícones, a Virgem resplandece como a imagem da divina beleza, morada da sabedoria eterna, figura da suplicante, protótipo da contemplação, ícone da glória” (RM, 33). ■

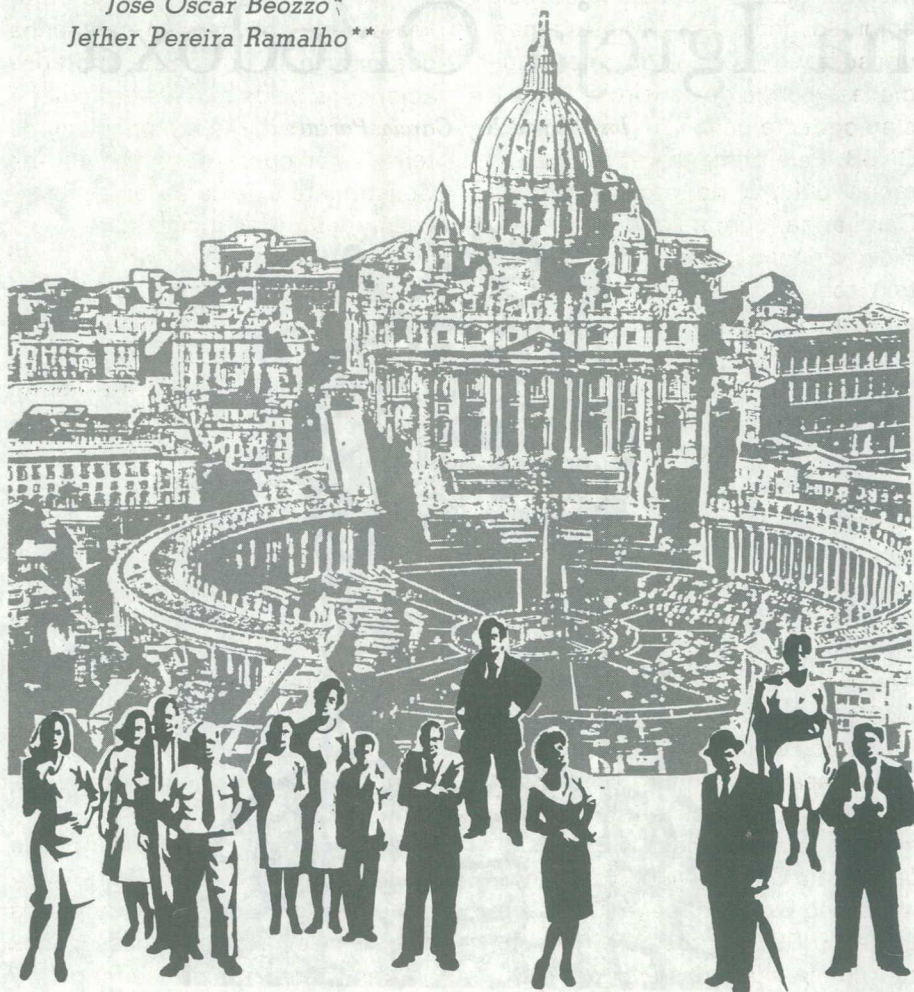
Tradução: Suely Mendes Brazão

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri.)

O momento eclesial brasileiro

José Oscar Beozzo*
Jether Pereira Ramalho**

A pequena participação dos negros na hierarquia da Igreja, os ataques dos conservadores aos religiosos comprometidos com causas populares, as relações de Roma com o clero brasileiro, a postura dos evangélicos na Constituinte, são temas tratados neste artigo, a partir de uma perspectiva ecumênica.



Na Igreja Católica

A luta dos negros desafia as Igrejas

Em maio de 1988, cem anos da abolição legal da escravidão no Brasil foram celebrados e a questão negra voltou a ser tema central, reolocando a nu as desigualdades gritantes da sociedade brasileira, não só em termos econômicos, políticos e sociais, mas também raciais. Trouxe novamente à tona as contradições do Estado, das Igrejas, da Universidade e dos movimentos populares e partidos em relação à escravidão e às suas seqüelas na sociedade brasileira.

A Igreja Católica, marcadamente negra nas suas comunidades de base, nos seus romeiros e manifestações populares de massa, é ainda hegemonicamente branca na sua hierarquia. São apenas seis bispos, num total de 378, e 200 padres em perto de 13.000, ou seja, 1,5% dos bispos e 1,53% dos padres, quando a proporção da população negra e mestiça alcança 45% no conjunto da população brasileira. Entre as religiosas o processo de enegrecimento dos seus quadros vem se processando muito mais rapidamente do que nas congregações religiosas masculinas e entre o clero secular. O grande número de dirigentes negros nas organizações de base da Igreja Católica, os encontros e depois a articulação dos negros no Mo-

vimento União e Consciência Negra e mais tarde no grupo dos Agentes de Pastoral Negros, a conversão de importantes setores da Igreja para as lutas dos mais pobres, tornou possível o tema "O Negro e a Fraternidade" na Campanha da Fraternidade de 88.

O fato mais importante é a escolha do tema em si e que a Igreja Católica reconhecesse publicamente seu envolvimento histórico com a escravidão; que a Campanha tomasse um tom penitencial e assumisse a reconstrução das comunidades, da liturgia, da prática pastoral e teológica num compromisso com as lutas e os valores da comunidade negra católica, evangélica e presente nos

* Sacerdote católico, historiador
** Evangélico, sociólogo

cultos afro-brasileiros. As contradições internas ficaram expostas na proposta dos lemas: "Negro, um clamor de justiça", apresentado pela comunidade negra, "Muitas raças, um só povo", veiculado pela Arquidiocese do Rio de Janeiro e "Ouvi o clamor deste povo", escolhido pela CNBB. Pela primeira vez houve um racha público na organização da Campanha, com a Arquidiocese do Rio de Janeiro preparando cartazes, texto-base e subsídios próprios, sendo seguida por várias outras dioceses. A Rede Globo de Televisão veiculou as "chamadas" preparadas pela Arquidiocese do Rio de Janeiro e boicotou as da CNBB. O tema tocou problema central no cotidiano das camadas populares, teve acolhida calorosa em certas áreas, suscitou perplexidade e mal-estar em outras, foi marginalizado em algumas paróquias. No dia 12 de maio, nos Arcos da Lapa no Rio de Janeiro, 300 artistas negros apresentaram a Missa dos Quilombos, de autoria de Pedro casaldáliga, Pedro Tierra e música de Milton Nascimento. Em 1982 a Missa fora proibida pela Congregação para o Culto Divino. Nesse mesmo dia, o Exército reprimiu passeata de 10.000 negros, sob "suspeita" de que iriam desrespeitar o Duque de Caxias, patrono do Exército. Os discursos no Congresso foram vaiados e boa parte das comemorações oficiais do 13 de Maio foi boicotada pela comunidade negra, que continua insistindo em celebrar a 20 de Novembro, dia da morte de Zumbi, o último chefe dos Quilombos dos Palmares, como o dia da Consciência Negra. Silenciosamente, pela base, multiplicaram-se os contatos ecumênicos, as celebrações em comum, e passaram a aflorar, na liturgia católica, elementos culturais das tradições africanas. Mais de um milhão de exemplares do texto-base da Campanha foram distribuídos, sem contar os outros subsídios, cartilhas e livretos preparados pelo movimento negro. Só a longo prazo será possível avaliar todos os efeitos e conseqüências desta CF-88.

Os desafios no campo da política

No plano político, a Igreja Católica esteve sob cerrada campanha dos principais órgãos de imprensa acionados pelos lobbies de mineradores, madeireiras, companhias de terras, por conta do seu apoio na Constituinte à demarcação e preservação das terras indígenas e à viabilização da Reforma Agrária. Dentro da Igreja, o CIMI e a CPT foram os alvos mais diretos da campanha que se desdobrou em atentado à vida de d. Erwin Kräutler, presidente do CIMI, na chacina dos índios Tikunas e na multiplicação dos assassinatos de líderes sindicais e dirigentes de comunidades rurais, na acusação irresponsável do bispo d. Boaventura Kloppenburg de que a CPT estaria incentivando a luta armada no campo. No sul do país, no centro-oeste, norte e nordeste, vários bispos condenaram publicamente a UDR e sua política de violência no campo e de intransigência com a Reforma Agrária.

A declaração da presidência da CNBB sobre a corrupção no Governo, o abandono dos compromissos de cunho social e político assumidos na transição democrática, criou impacto, gerando uma resposta imediata do presidente e dando alento à CPI da corrupção no Congresso.

À vitória na constituinte acerca da maior proteção das terras indígenas, correspondeu um forte entrave

na questão da reforma agrária, onde a UDR conseguiu subtrair à desapropriação para fins de reforma agrária as assim chamadas "terras produtivas".



As relações com Roma

Nas relações entre a CNBB e a Santa Sé subsistem áreas impermeáveis ao diálogo, como a de nomeação de bispos e outras, onde vai se implantando lentamente um processo de consulta e cooperação. Na nomeação de bispos, deu-se como certa a ida de d. Luciano Mendes de Almeida para a Sé primaz do Brasil, Salvador da Bahia. E o nomeado foi d. Lucas Moreira Neves. D. Luciano já fora preterido para a Sé de Manaus, onde todos os bispos do regional indicaram seu nome, com exceção apenas do bispo de Parintins, que acabou sendo o escolhido, pela Nunciatura, para administrador apostólico, durante a Sé vacante. Foi com surpresa e constrangimento que se recebeu a transferência de d. Luciano, de São Paulo, para Mariana, cidade que parou no século XVIII e é considerada das mais conservadoras do país. Mais de cem bispos solicitaram na última assembléia da CNBB uma discussão aberta sobre os processos de nomeação de bispos, mas faltaram dez votos para que o assunto entrasse em pauta. Muitos deixaram de votar a favor por desânimo. O tema já fora discutido em outras ocasiões e sugestões enviadas à Santa Sé, com resultados aparentemente inversos ao esperado. O povo de Deus, o clero das dioceses, a Igreja local, o colégio de bispos da província eclesiástica, dos regionais e a própria CNBB vêm sendo mantidos totalmente à margem de escolhas que são determinantes



para a vida das igrejas particulares e para o futuro da Igreja.

Noutros campos, vai se instaurando um processo de consulta e negociação. Para a visita aos seminários, onde surgiram tantos impasses e conflitos, com a vinda inclusive de um cardeal alemão, acompanhado de um bispo argentino e outro português para visitarem a Faculdade de Teologia de São Paulo, em 1985, a CNBB está apresentando uma ou mais ternas de bispos por regionais. Dessas ternas será escolhido por Roma o visitador para cada área.



A reflexão teológica

Também no referente à coleção Teologia e Libertação, onde o acordo alcançado em abril de 1986 entre o Comitê Editorial e a presidência da CNBB fora inviabilizado pela indicação, sem prévia discussão, de três outros bispos saídos do CELAM (Argentina, Colômbia e México) e de um quarto diretamente da Congregação para o Culto da Fé, chegou-se novamente a um entendimento: a Comissão de Doutrina da CNBB passa a acompanhar o Comitê Editorial, no que tange à ortodoxia dos textos, permanecendo o *imprimatur* sob a responsabilidade do Bispo do autor da sede da Casa Editorial. A vigilância da CED da CNBB estende-se ao conjunto da obra, e não apenas aos textos de autores brasileiros.

A divisão da Arquidiocese de São Paulo

Finalmente, na momentosa questão da divisão da Arquidiocese de São Paulo, que se estava processando contra a vontade das comunidades, contra o desejo do clero e

contra o parecer do colégio episcopal da cidade, a Assembléia da CNBB discutiu o assunto, propondo que a questão de São Paulo não fosse resolvida isoladamente e sim no âmbito de problemas semelhantes de todas as regiões metropolitanas do país. A discussão do assunto a nível de CNBB e também de opinião pública abriu provavelmente um espaço para a reconsideração da decisão já tomada de retalhar a Arquidiocese de São Paulo. Recortar novas dioceses no próprio tecido urbano traz o risco de inviabilizar qualquer pastoral de conjunto não só para a região metropolitana, mas para a própria cidade, já que se cogitava da criação de dioceses tanto nos municípios de Osasco e Itapevicira, como nos bairros de Santo Amaro e São Miguel Paulista. Sintomaticamente, a população de Santo Amaro rejeitou há pouco, em plebiscito, por larga maioria, a sua separação do município de São Paulo. Um pouco mais de consulta e de democracia interna na Igreja ajudariam a arejar o ambiente e a diminuir a dose de arbítrio e de erro em decisões que são finalmente pastorais e afetam a vida e o destino das comunidades.

Nas Igrejas evangélicas

II Assembléia Geral do CLAI

Continuam em ritmo intenso os preparativos para a II Assembléia do Conselho Latino-Americano de Igrejas, a realizar-se em Itaici no final de outubro e princípio de novembro. O tema geral do evento é "Igreja — a caminho de uma esperança solidária". Espera-se uma assembléia de 400 pessoas, com a participação de mais de 100 igrejas das diversas denominações evangélicas.

Antecedendo a Assembléia haverá, em Quito, no mês de julho, o Encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecumênicos que reunirá cerca de 90 instituições

ecumênicas do Continente. O aprofundamento dos laços de solidariedade, debates sobre o sentido do ecumenismo hoje e perspectivas de um projeto ecumênico para a próxima década serão os temas principais. Do Brasil participarão 13 grupos ecumênicos.

Há uma expectativa muito grande sobre esses acontecimentos que poderão se constituir em grande impulso para o movimento ecumênico.



Crise na Igreja Eletrônica

No momento em que se anuncia a inauguração, no Rio, da TV-RIO, do pastor Fanini, vem a público mais um escândalo produzido pelos televangelistas norte-americanos. Desta vez o protagonista foi um dos mais afamados pastores eletrônicos, Jimmy Swagart, acusado de atos de perversão sexual. Ele possuía um verdadeiro império econômico, mantinha posições políticas reacionárias, inclusive de apoio aos "contras" e ao regime de Pinochet e defendia uma perspectiva teológica fundamentalista contrária à teologia da libertação. A sua queda, que foi a continuidade de escândalos anteriores de outros tele-evangelistas, veio mostrar a fragilidade desse tipo de movimento, que não tem vinculação orgânica com nenhuma igreja evangélica e que usa os meios de comunicação de massa como a sua arma poderosa.

Os parlamentares evangélicos

Também nos últimos meses esteve em destaque a atuação da chamada bancada evangélica na Assembléia Constituinte. A grande maioria votou sempre a favor das

propostas antipopulares, coordenadas pelo Centrão. Houve, entretanto, exceções de alguns parlamentares evangélicos combativos, que se posicionaram com firmeza a favor dos interesses populares. Um elemento positivo é que muitos membros das comunidades locais evangélicas e da própria hierarquia vieram a público repudiar esse comportamento da maioria dos deputados evangélicos, afirmando que eles não têm legitimidade para representar o pensamento das igrejas. O jornal *O Dia*, do Rio de Janeiro, fez uma entrevista com participantes das diversas denominações (Batista, Luterana, Metodista, Congregacional, Assembléia de Deus) que se mostraram revoltados com a posição política da maioria da chamada bancada evangélica.



O avanço das Igrejas Pentecostais

Esse fenômeno continua chamando atenção dos meios eclesiais de forma geral. Não resta dúvida que essas igrejas vão se fortalecendo na zona rural e nas periferias das cidades, atingindo predominantemente as camadas mais pobres da população. Há muitos tipos de igrejas pentecostais: algumas mais institucionalizadas, outras mais autônomas. A aceitação de sua mensagem e do seu estilo de culto por amplos setores populares está exigindo uma interpretação mais aprofundada e estudada. Os pentecostais já se constituem em força social e política considerável e não podem ser julgados com simplismos. Estão sendo alvo de atenção forte dos políticos conservadores e de atenções governamentais. É fato para reflexão urgente por parte de todas as igrejas. ■



A caba de ser votado pela Assembléia Nacional Constituinte o capítulo oitavo. Trata da família, da criança, do adolescente e do idoso.

O texto reconhece a família como base da sociedade e estabelece o direito à especial proteção do Estado. Marca a diferença entre o casamento e a mera união estável entre o homem e a mulher, embora assegure, também, para essa, a mesma proteção do Estado. É lamentável, no entanto, a redução de prazo proposta para obtenção do divórcio. A lei que favorece a dissolução do vínculo lesa a estabilidade da família, com enormes conseqüências morais para a sociedade.

Na visão cristã, é preciso afirmar com vigor que a dignidade do casamento exclui a dissolubilidade do vínculo. Diante da lei permissiva torna-se, agora, mais necessária a formação da consciência para quem reconhece e poderá realizar no casamento a intenção de Deus criador. Há um aspecto que a ninguém pode passar despercebido. Como convencer os jovens a respeito da seriedade da vida matrimonial, quando os próprios legisladores se pronunciam pela fragilidade do vínculo? A lei ordinária poderá contribuir para evitar maior erosão do tecido já tão desgastado.

A referência luminosa aos princípios da dignidade à pessoa huma-

A família, a criança e o idoso

na e à paternidade responsável como fundamento do planejamento familiar revela uma redação equilibrada que abre perspectivas valiosas para orientar o casal e coibir graves abusos ainda hoje praticados por instituições privadas e até oficiais. É de desejar que se explicitem mais as exigências éticas que decorrem do reconhecimento da dignidade da pessoa humana.

Na véspera da votação as crianças enlaçaram o prédio do Congresso numa enorme e alegre ciranda. Fato semelhante aconteceu em outras capitais. Quiseram as crianças marcar presença e incentivar os constituintes a dar à infância a devida atenção.

A resposta foi um texto denso que, por parte da família, da sociedade e do Estado, concede à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, a garantia de seus direitos fundamentais.

O artigo tem muitos méritos, como a valorização aos programas de saúde e de educação e o especial atendimento aos portadores de deficiência. No entanto, na defesa da vida faltou a afirmação de que este direito será promovido desde a concepção. Ficou implícito. Era de esperar que houvesse afirmação clara e vigorosa em bem do nascituro.

Temos lutado com denodo contra a tortura, a violência e a crueldade. Assim, a rejeição da suprema injustiça que elimina a vida do inocente, também, tem que valer para a criança totalmente indefesa no seio de sua mãe.

Especial louvor merecem os artigos sobre o idoso, assegurando-lhe o direito à vida, mesmo durante a ocorrência de doenças fatais.

Lembramos ainda o dever dos filhos maiores de amparar os pais na velhice, carência e enfermidade. ■

Projeto da Igreja reduz mortalidade infantil

Pouco menos de seis anos depois de lançada a primeira semente para um projeto da Igreja voltado para a redução da mortalidade infantil no Brasil e quatro anos depois do início da sua implantação efetiva, esse projeto, ou seja, a Pastoral da Criança, se estende por 2.390 comunidades do país.

A evolução é impressionante: chegou-se ao fim de 84, após um ano de trabalho, com 30 núcleos da Pastoral em atividade. Em dezembro de 85, eles tinham saltado para 168 e, em dezembro de 86, já eram 593. Numa velocidade surpreendente de multiplicação dos efeitos do trabalho, o ano de 87 foi encerrado com 2.390 núcleos implantados em atividade vigorosa.

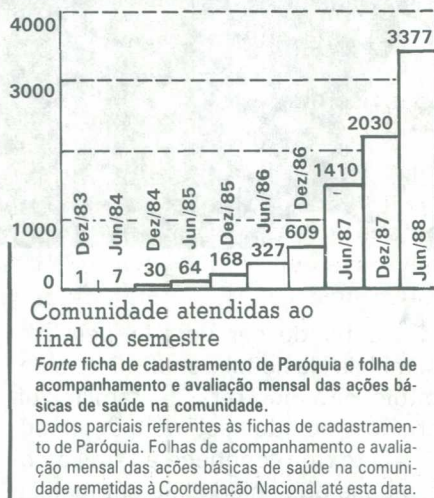
Uma conversa decisiva

A história da Pastoral da Criança começa com uma conversa, em maio de 82, em Genebra, Suíça, entre o arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e o diretor executivo do UNICEF — Fundo das Nações Unidas para a infância, James Grant. Uma preocupação era comum aos dois: os altos índices de mortalidade infantil no Brasil. E Grant sugeriu a Dom Paulo a participação da Igreja na luta contra isto.

Pouco depois, sensibilizada a CNBB, ficou decidido que a experiência teria início na arquidiocese de Londrina, no Paraná. À frente do projeto ficavam Dom Geraldo Majella Agnelo, o arcebispo de Londrina e a doutora Zilda Arns Neumann, médica pediatra e sanitária. Os dois escolheram a paróquia de São João Batista de Florestópolis como ponto de partida para lançar mãos à obra.

Razões para a escolha não faltavam: Florestópolis possuía uma população de 13 mil habitantes, com cerca de 75% da sua população constituída por bóias-frias. Um total de 84% das famílias tinham renda abaixo de dois salários-mínimos, a taxa de migração atingia

CNBB PASTORAL DA CRIANÇA
Evolução Histórica do Projeto Brasil



32% ao ano e 44% das mães da comunidade eram analfabetas.

A ação da Pastoral se moveu desde o início sobre os cuidados básicos de saúde e sobre o trabalho de agentes voluntários. E os resultados positivos foram rápidos: as taxas de internamento hospitalar por diarreia em alguns meses decresceram em 70% e a mortalidade infantil caiu pela metade. E esta redução era justamente o objetivo central, o móvel mais importante da Pastoral da Criança.

Relatório alentador

Em março deste ano, a Coordenação Nacional da Pastoral da Criança enviou ao ministro da Saúde, Luiz Carlos Borges da Silveira, um relatório com dados estatísticos onde era possível avaliar os avanços impressionantes do atendimento à saúde infantil, nas áreas atingidas pelo programa. Comparando-se os indicadores de uma amostra realizada em janeiro, nas áreas atendidas pela Pastoral, com dados gerais de atendimento à saúde infantil no Brasil, as diferenças se tornavam ainda mais gritantes.

A amostragem compreendeu 766 comunidades, englobando 78.102 crianças e 5.148 gestantes. Na tabulação dos resultados referentes a ações básicas de saúde verificou-se, por exemplo, que nada menos do que 78,63% das crianças pesquisadas, na faixa até três meses de idade, recebiam o aleitamento materno exclusivo. A média neste item, conforme as pesquisas disponíveis, não passa de 15%. Como resultado, as crianças atendidas pela Pastoral ficam de três a quatro vezes menos doentes do que as indicações de média nacional.

O percentual de crianças com diarreia que tomaram o soro caseiro, como medida preventiva contra a desidratação, na área da pesquisa chegou a 97,78%, com impactos substanciais sobre a redução da mortalidade infantil e do internamento hospitalar. Em números absolutos, a morte em menores de um ano, no universo total da pesquisa, nos últimos 12 meses havia chegado a 404 casos.

A avaliação nutricional das crianças, que inclui a pesagem mensal até os seis anos de idade, demonstrou que 75,82% das crianças atendidas pela Pastoral haviam sido pesadas no mês de janeiro, sendo que 16,75% delas mostraram sinais de desnutrição, enquanto 61,64% haviam aumentado de peso.

O controle de imunizações indicou cobertura total de 63,36% das crianças e de 62,29% das gestantes.

No relatório enviado ao ministro da Saúde, Dom Geraldo Majella e doutora Zilda Arns destacam que, "tendo em vista que entre os desafios da Pastoral da Criança, a fome preocupa mais, estão se agilizando treinamentos em Alternativas Alimentares de Alto Valor Nutritivo e Baixo Custo com excelentes resultados". Entretanto, advertem eles, "vê-se a necessidade de maior entrosamento entre programas governamentais de Nutrição e Geração de Renda, para que se somem os esforços para a libertação da população carente do flagelo social da fome".

Um "Clube" de crianças pede mais escolas...

Nós moramos em Formiga (MG) e resolvemos responder às perguntas da revista Ave Maria. Nós fundamos um clubinho que se chama "Clube do Mickey", somos 6 pessoas.

As respostas são estas:

Nós gostaríamos de dizer aos nossos pais, muito obrigado por tudo que eles têm feito por nós.

Nós gostaríamos de dizer às autoridades que não maltratassem os menores abandonados.

Nada está certo na cidade, no Brasil e no mundo porque as pessoas olham diferença de cor, raça e situação financeira.

Nós achamos certo as crianças estudarem porque quando crescerem saberão fazer muitas coisas.

Nós achamos errado as crianças não terem escola porque depois não sabe-

rão nada e ficará difícil achar um emprego. Falta de instrução atrapalha o crescimento de uma nação.

As crianças ficarem na rua é errado, porque as crianças aprendem a ser ladrões e assassinos.

Achamos que o presidente Sarney deve construir mais orfanatos.

(J., L., M., L. e P.
— Formiga, MG)

Meu nome é M. Tenho 11 anos e estou na 5.^a série, sou uma menina mineira de Arcos. Sou uma leitora da revista Ave Maria.

Primeiramente eu queria dizer que os "menores" não são somente aqueles meninos que não têm ninguém por eles nesse mundo, são também muitos que ficam na rua

falando palavras feias, brigando, atirando pedras nos outros, enquanto os pais ficam bem tranqüilos assistindo televisão ou fazendo crochê, tricô e muitas coisas mais.

Os pais dessas crianças são os responsáveis por não dar conselhos, não orientar, não falar em Deus pros filhos.

Eles os deixam soltos para entrar pro mundo dos tóxicos, da falta de respeito, da falta de dó dos outros.

Quanto aos meninos sem pais, os adultos deviam tirar uma horinha de prazo para os aconselhar, ensinar-lhes o valor de Deus em suas vidas.

E a estes pais que não pensam no futuro dos filhos: que vocês a partir de hoje dêem mais atenção ao filho. Ele precisa de vocês.

(M.O.R., 11 anos
Arcos, MG)

O menor

Moram debaixo de pontes e também ce viadutos, são grandes e pequenos, crianças e adultos.

O menor marginalizado nem à escola tem direito, vive nas ruas, nas calçadas, e pra comer sempre dá um jeito.

Chova ou faça sol, isso não importa, quando ele tem fome, bate de porta em porta.

Ó Deus eu lhe peço, do fundo do coração, fazei com que o menor tenha sempre um pedaço de pão!

Paz e fé.

(A.A.S., 10 anos
— Cruzília, MG)

JOVEM, TE SENTES CHAMADA PARA SEGUIR JESUS CRISTO?

Lembra-te que Cristo te estende a mão.

Ele precisa de ti no Instituto das Filhas de Nossa Senhora das Graças, para juntas, cuidarmos com amor e carinho, de todas as crianças carentes, doentes e abandonadas, que de nós necessitam. O nosso carisma é variado, vem conhecê-lo. Escreve-nos e logo terás a resposta.



INSTITUTO DAS FILHAS DE NOSSA SENHORA
DAS GRAÇAS

Rua Mons. José Vita, 320 - 12460 - Campos do Jordão, SP

A bofetada no Sacerdote

José Wanderley Dias

Não conheço a inteira seqüência dos fatos. Em suma, porém, a história real é esta: um grupo de pessoas dirigiu-se a um sacerdote de uma das igrejas periféricas de Curitiba. Se não me falha a memória, o nome do padre é Clarke, a quem foi pedido que cedesse as dependências da casa paroquial para a realização de uma reunião político-partidária.

Agindo com absoluta razão e discernimento, o padre negou atendimento à solicitação. E estava certíssimo, repito. À Igreja cabe o direito e o dever de orientar os seus fiéis a bem exercerem, civilmente, a sua indispensável atuação política.

Ela, porém, a Igreja em si, não tem, não pode ter, e se afastaria de sua missão se tivesse vinculação partidária, se se engajasse neste ou naquele partido.

O fato, porém, de o padre negar as dependências da igreja para uma reunião política, não foi bem recebido pelos que a pediam para tais propósitos.

E houve discussão, bate-boca, sei lá. O fato é que, no final, um dos líderes dos políticos acabou esbofetando o padre, que caiu ao solo, levantou-se e tentou ainda abraçar seu agressor, dizendo-lhe que o perdoava, mas que mantinha a negativa de ceder as dependências paroquiais para o comício. Tenho muita pena. Não do padre. Este só se engrandeceu com sua bravura.

Porque é fácil ferir e matar até. Se o Cristo foi morto; se tentam contra a vida do Papa; se o arcebispo Romero é assassinado em plena celebração eucarística; se a caminhada da Igreja é cheia de mártires; se a pregação da não-violência enfurece os que não são pacíficos; se nem todos podem ser a luz do mundo e o

sal da terra; se as feras matam, e os homens de espírito e coração se deixam matar; se é difícil e bravo ser coerente; se tantos ses que caberiam aqui; nada existe de espantoso em que um padre seja agredido em seu múnus pastoral.

Tenho pena, isto sim, dos que o agrediram, ou de quem o agrediu. Porque mostrou não ser capaz de entender a posição contrária à sua. Porque mostrou não acreditar nem viver a paz, nem vive em paz. Porque feriu, porque agrediu, porque esbofeteou. E isto é lamentável, e isto mostra o risco que corremos se pretendemos substituir a mensagem de amor, de tolerância, de compreensão, de fraternidade, pela política do ódio, do egoísmo, da agressão, da bofetada.

É preciso que se continue a oferecer, ao mundo, a opção por um caminho em que se possa chegar ao seu

fim, sem mutilações, sem retaliações, sem violência, sem o ódio, sem a desumanização.

Hoje somos uma sociedade temerosa. Vemos que se estão criando organizações especializadas em oferecer a violência antiviolência, que acabará gerando mais fúria e mais agressão ainda.

Os cães amestrados são comprados por fortunas para que algumas pessoas possam tentar dormir em paz, sem assaltantes, sem agressores.

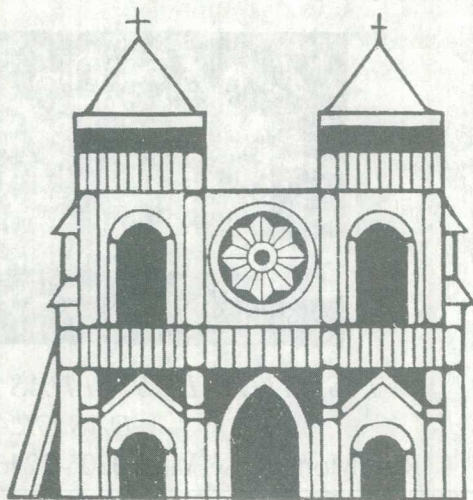
Ja imaginaram o dia em que os bandidos também comecem a criar seus próprios cães e o açularem contra suas vítimas?

Este o mundo de pavor, um mundo em que não temos a certeza sequer de voltarmos para casa, quando cometemos a bravura de sair à noite para espiares um pouco.

A agressão contra um sacerdote que cumpria sua missão é mais um triste sinal dos tempos. Lamentável, doloroso, sem dúvida.

Mas a tarefa da Igreja e dos verdadeiros religiosos continua. Fazendo bem aos que lhes fazem mal. Perdando a seus agressores. Vivendo exteriormente o que têm no interior. Não se limitando a palavras de encomenda. Correndo os riscos de serem coerentes. Pagando, com o serem agredidos e até mortos, o cumprimento de seu mandato. Porque os discípulos não são melhores do que o Mestre. E este foi esbofeteado, crucificado, renegado...

A bofetada em um sacerdote... Um duro sinal de sua eleição e de seu sacrifício... Agora ele já pode dizer, com mais razão, que perdoa os que o feriram, que pede pelos que o agridem... Foi para isto, aliás, que ele tomou sua própria cruz e O está seguindo... ■



Falando do padre...

Dia do padre...

Muita gente acha que *padre* cai do céu...

Gozado! até pensam que *padre* é anjo...

Sim! Pela maneira como tratam os sacerdotes, hum!, tem-se a impressão de que os *reverendos* são puros espíritos!...

Contudo, o padre é um homem do povo diante de Deus.

Sim. Um homem do povo, do povão...

O padre nasce das famílias do povo. É volta para o povo de Deus.

Procura levar o povo ao Senhor.

Para tal, estuda. Pesquisa. Trabalha. Reza. Forma-se. Batalha.

Padre... Um *homem do povo* diante de Deus!

Dia do padre!

Se o *padre* é um homem do povo, está sujeito a falhas. E, de fato, erra muitas vezes.

Pergunto: Quem não peca?...

Isso mesmo: quem não carrega uma boa dose de falhas e de pecados?...

Então, por que somente o *padre* não pode ser compreendido?...

Aí que está!...

Desejar aos outros o que se quer para si.

O *padre* deve entender os outros. Deve compreender. Ajudar. Perdoar. Incentivar.

Está certo! Tudo bem!

Não esqueçamos... O *padre* é um homem do povo diante de Deus.

Procuramos, igualmente, entender, compreender, ajudar, perdoar, incentivar o *sacerdote*?...

Será mesmo?...

— Você, leitor, como se relaciona com o *padre*?... Como o encara e o vê?...

Sempre é bom lembrar: — *Pa-*

dre, um homem do povo diante de Deus...

Guardemos bem a expressão: *homem do povo*...

Daí as coisas mudam. E mudam muito...

Se é do povo, merece uma colher de chá... Claro!...

Aliás, falando em povão, é difícil sair *padre* de família anti-religiosa ou anticristã. Ah, sim! Muito difícil! Quase milagre!

— Como anda sua família, hem, leitor amigo?!...

— Rezamos pelas vocações?...

Há tanta gente que apóia e incentiva os *padres*.

Um mundo de pessoas... Graças a Deus!

Por outro lado, três ou quatro palavrinhas ditas irresponsavelmente por terceiros... minha Mãe do céu!, aniquilam com o pobre do *padre*!... Isso mesmo!

A criança que somente ouve críticas destrutivas contra o *padre*, aaaaahh, que "idéia" terá do *padre*?!

Padre... Um homem do povo diante de Deus!

Quanto mais o sacerdote sentir o calor e a força da comunidade, está na cara, mais forte ficará no *sacerdócio*! Sem dúvida!

— Você anima e encoraja o *padre*, apesar dos defeitos?...

Dia do padre...

— Você faz alguma coisa pelos seminários e pelas vocações sacerdotais?...

Padre: um homem do povo diante de Deus!

Que extraordinária responsabilidade!

Que necessidade de preces e de orações!

Dia do padre!...



Até que um dia ele se decidiu: deixou tudo e saiu pelo mundo, convencendo as pessoas de que todas eram amadas por Deus. Tinha 30 anos de idade e muito amor em seu coração!

Ser Missionário é viver a alegria da doação total. Jovem, você que está em busca de um mundo melhor, mais justo, onde todos se sintam bem, venha partilhar a aventura de ser Missionário Claretiano.

As opções são muitas:

- Missão
- Serviço Paroquial
- Educação
- Meios de Comunicação Social

Solicite informações:

01.296 - Cx.P. 54 215 - São Paulo (SP)
13.500 - Cx.P. 136 - Rio Claro (SP)
93.250 - Cx.P. 23 - Esteio (RS)

— Oi, não fique parado!... Faça alguma coisa!...

Meu caro colega! Parabéns! E... fé em Deus... em Cristo, o Eterno Padre... na Virgem, a Mãe do Primeiro Sacerdote... e pé na tábua!...

Padre: um homem do povo diante de Deus.

Com licencinha... Vou festejar o meu dia!...

Pe. André Carbonera, cmf

CELIBATO

Por que os padres não devem casar? (2062)

(Demoras - Alfredo Wagner Santa Catarina)

Em 1 Cor 7, 29-35, São Paulo diz que o "tempo se fez breve"... Ou seja, tendo os valores eternos e definitivos entrado na história dos homens em consequência da vinda do Messias, todo o tempo ainda é pouco para se dedicar a tais valores; o cristão sente-se impelido a voltar a sua atenção e as suas energias para as realidades eternas que lhe estão presentes.

Já na época de São Paulo, muitos cristãos abraçavam a vida una em suas próprias casas, voltando-se apenas para o Senhor. Aos poucos, a vida celibatária foi-se tornando um ideal.

Compreende-se então que os presbíteros a tenham adotado espontaneamente logo nos primeiros séculos; a praxe livre e voluntária antecedeu a lei... O primeiro texto de Concílio que legisla sobre a continência dos clérigos data do ano de 300 aproximadamente; é o cânon 33 do Concílio regional de Elvira, na Espanha, que diz o seguinte: O bispo, o padre, o diácono e todos os clérigos vivam uma vida de castidade.

Esta determinação foi sendo assumida por outros Concílios regionais, de modo a tornar-se mais difundida. Em Roma, na Alta Itália, na Gália, na Grã-Bretanha, na Irlanda, na Espanha semelhantes prescrições conciliares foram sendo promulgadas no decorrer da Idade Média Ascendente, de modo que a lei do celibato se tornou universal no Ocidente cristão.

Quanto ao Oriente, a legislação se cristalizou em fins do século VII, ou seja, no Concílio de Trullo (ou Quinisexto) em Constantinopla, realizado em 692.

Como quer que seja, o celibato sacerdotal tem sua plena fundamentação e justificativa nos dizeres do Apóstolo em 1 Cor 7, 29-35. O seu

significado pode ser avaliado em três dimensões: a antológica, a eclesial ou comunitária e a escatológica. Ou seja: o celibato relaciona diretamente o presbítero com Cristo, com a Igreja e com as realidades últimas e definitivas:

Com Cristo: o sacerdote é um outro Cristo. Por isso ele procura identificar-se cada vez mais com o Senhor, consagrando toda a sua personalidade ao Senhor Jesus Cristo.

Com a Igreja e a comunidade: o celibato permite ao presbítero o exercício de um serviço mais livre, comprometido e amplo à Igreja e aos irmãos. O celibato sacerdotal vem a ser penhor e expressão de amor a todos os homens.

Com os valores escatológicos: o celibato só se explica pelo fato de que o sacerdote tem consciência de que entraram na história dos homens os bens definitivos. Estes devem polarizar a energia e a atenção do presbítero, levando-o a abraçar a vida una.

Welington Cardoso Brandão, cmf



Poderia ou poderá: ter as duas opções na Igreja, padres casados e padres celibatários? (2063) (M.I.N. - João Pessoa, PB)

No início da Igreja, os sacerdotes eram homens casados, escolhidos dentre a comunidade, por ela mesma e depois os apóstolos impunham as mãos sobre o eleito.

Com o decorrer da história, no século IV, encontramos as primeiras recomendações para que os sacerdotes sejam celibatários, visando mais à eficácia de seu trabalho pastoral. Mesmo desde o início da Igreja houve sa-

cerdotes celibatários. A partir do século V até o IX, vem a determinação da Igreja de que aqueles que aspiram ao sacerdócio sejam celibatários, lei esta que vigora até agora. Então os sacerdotes, desde esta época, são escolhidos dentre os celibatários, isto em primeiro lugar por razões de pastoral e eficácia de seu trabalho. Estando totalmente desprendido de tudo, poderá exercer melhor sua função na comunidade cristã.

Como disse, esta é uma determinação jurídica que a Igreja ainda conserva na Igreja latina. Na Igreja oriental, os padres podem casar-se, mas antes da ordenação, e os bispos são escolhidos entre os celibatários.

Poderá na Igreja latina haver padres casados também? Sendo uma lei eclesial, pode ser mudada, mas desde a Idade Média ela está em vigor, e tem mostrado muitos frutos. Um dia, poderá talvez deixar de ser a única opção para ser sacerdote, mas no momento não há nenhuma corrente ou mesmo interesse para a Igreja aboli-la. Mesmo que isto aconteça, será apenas para os sacerdotes diocesanos; os religiosos não entrarão, visto que, antes de serem sacerdotes, fizeram uma consagração a Deus de sua vida, de trabalharem em determinada família religiosa, segundo o seu carisma na Igreja, procurando cada dia a santidade pela vivência em comunidade e dos três conselhos evangélicos: castidade, pobreza e obediência.

Luis C. Botteon, cmf

Aqui respondemos a perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.

Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta.

Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.

Correspondência para:

Equipe Consultório Popular.

Caixa Postal 153 — CEP 80.000

Curitiba (PR).

Ajuda mútua e doze passos: duas armas para doenças crônicas

No início deste século, talvez 80% das doenças eram do tipo agudo. Eram tratadas por médicos e suas vítimas ou se recuperavam ou morriam — em pouco tempo. Os outros 20% das doenças eram crônicas.

Hoje, quase um século mais tarde, as percentagens se inverteram. Tão dramáticos foram os avanços médicos nas últimas décadas que, atualmente, as doenças agudas levam a poucos óbitos e constituem apenas 20% das enfermidades. Em 1988, as doenças crônicas é que constituem 80% das moléstias.

As doenças crônicas (tais como as doenças mentais, o diabetes e o alcoolismo) têm uma característica principal: embora possam ser controladas, elas são incuráveis. Isso significa duas coisas. Primeiro, que elas são caracterizadas pela reincidência ou recaída. Uma pessoa com uma doença crônica pode se recuperar de tal forma que fique bem por semanas, meses ou anos. Mas, de repente, pode encontrar-se derrubada pela doença de novo.

O fato de serem controláveis, embora incuráveis, também significa que a recuperação das mesmas, por ser sempre provisória, requer os esforços tanto do paciente quanto do médico. Sim, porque não podemos manter pessoas em hospitais, sob os cuidados constantes de um médico, para o resto de suas vidas.

Haja hospitais para tantos doentes crônicos! E mesmo que houvesse, quantos poderiam pagar um tratamento hospitalar que vai durar o resto de sua vida?

O fato de as doenças crônicas

requerem a cooperação do paciente tem deixado a classe médica frustrada. Porque o que acontece é o seguinte: o médico é chamado para atender uma crise sofrida por um doente crônico — digamos um diabético que entra em coma ou um alcoólatra que está tendo convulsões.

O médico socorre o paciente, restabelece seu equilíbrio físico e determina um regime que ele deverá seguir daí em diante para evitar uma nova crise. O diabético talvez tenha que tomar insulina regularmente. O alcoólatra terá de permanecer afastado da bebida.

Superada a crise e estabelecido o regime apropriado para o doente, o papel do médico está cumprido. Mas a doença não está curada — apenas detida. Agora, caberá ao paciente seguir o regime indicado pelo médico.

Aí é que está o problema. Porque muitos seres humanos tendem a ser relaxados. Basta que o doente passe algumas semanas sem que sua moléstia lhe crie mais problemas e ele provavelmente começará a se descuidar. Vai esquecer de tomar seu medicamento na hora certa e começar a tomar certos riscos (como fumar, se sua doença for de coração) e pronto! Logo aparecerá outra crise.

Dois fenômenos têm ajudado os doentes crônicos a manter seus regimes e evitar a reincidência de suas crises.

Já que não podem ter o médico a seu lado para o resto da vida, os doentes descobriram um substituto eficaz: outra pessoa com a mesma doença. Melhor ainda, várias outras pessoas. Agrupando-se em irmandades de doentes com a mesma enfermidade e, portanto, o mesmo regime, os doentes crônicos descobriram que lhes era muito mais fácil seguir seus regimes quando eram acompanhados por outros doentes

fazendo a mesma coisa. Não há dúvida que tudo fica mais fácil quando se faz em grupo.

O primeiro agrupamento de doentes que eu conheço foi o de Alcoólicos Anônimos, que começou em 1935 quando um corretor da bolsa de Nova York que era alcoólatra abordou um médico (que também era alcoólatra) de Akron, Ohio, e lhe sugeriu seguir o regime que lhe havia sido explicado pelo seu médico em Nova York. Desde então, quase 150 outras irmandades têm surgido, cada uma abrigando pessoas unidas por uma mesma aflição.

O segundo fenômeno que tem ajudado os doentes crônicos a seguir seus regimes e assim evitar novos surtos de suas moléstias é a prática de um exercício espiritual sugerido inicialmente para as pessoas que sofriam de alcoolismo. A grande arma que *todas as 150 irmandades de doentes crônicos têm em comum* é o programa de crescimento espiritual chamado os Doze Passos. Terei mais a dizer sobre este programa milagroso no próximo número da *Ave Maria*. ■

Donald Lazo



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcoolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

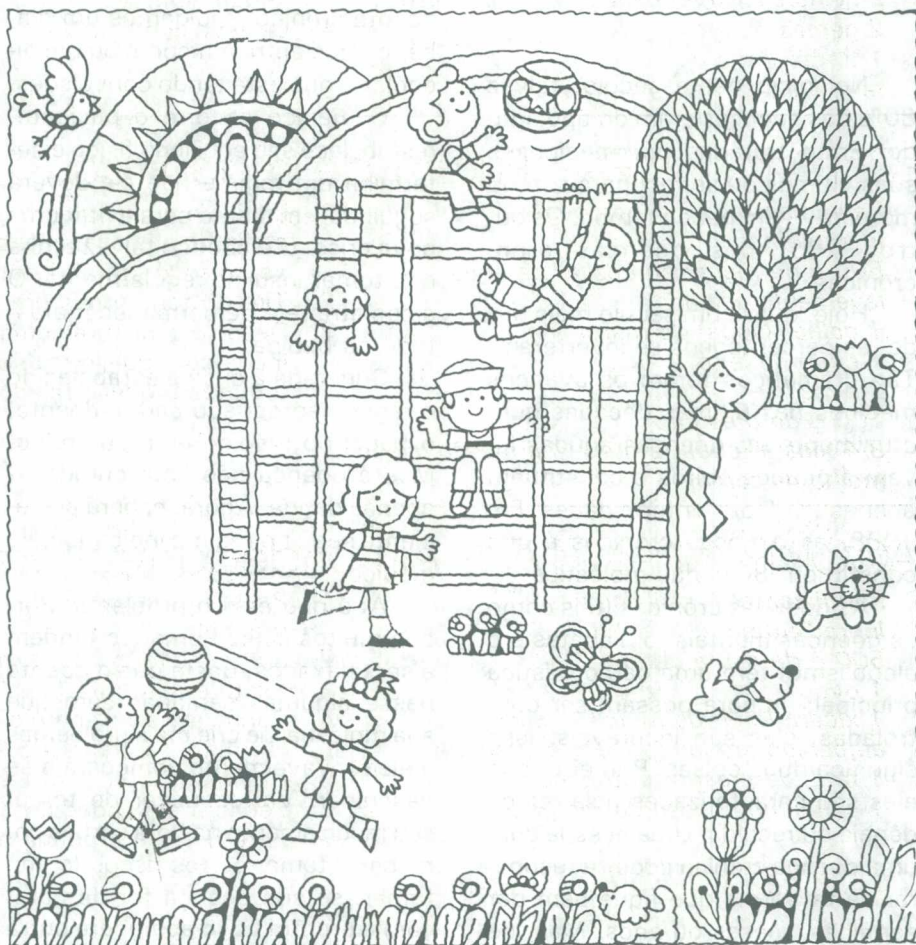
EDUCAR PARA A RESPONSABILIDADE

Myrian Vallias de O. Lima

Quando o jardineiro planta uma semente, qual é sua preocupação? — Manter o solo em boas condições de umidade e adubação; proteger a muda dos ventos e tempestades; colocar estacas para que não vergue; chamar um especialista se observar que a planta não está se desenvolvendo adequadamente. E a planta se desenvolverá, dentro do que é esperado pela sua própria característica.

Da mesma maneira, a criança não será educada para a responsabilidade. Responsabilidade vista como meta. A ela deverão ser dadas as condições para que, desenvolvendo-se como uma pessoa integral, realize todas as funções a ela inerentes. A responsabilidade será objetivo não só terminal. Será um objetivo de cada momento de seu desenvolvimento como pessoa. A criança exercerá a responsabilidade em cada etapa de seu desenvolvimento, de acordo com sua capacidade.

Os pais, como educadores, não devem se esquecer de cada uma das grandes fases do desenvolvimento biológico-psicológico-sociológico se se caracteriza pela exigência de uma dimensão original. Se quando pequena a criança necessita de aconchego, dependência, a partir de uma determinada idade ela precisa desenvolver sua auto-suficiência, sua auto-independência, que a levarão a uma auto-segurança. A responsabilidade em relação a si mesma, no início inexistente, passa com a idade a se tornar cada vez mais presente e premente. A identificação das necessidades próprias e a procura de sua consecução, ou seja, o desenvolvimento maior da compreensão de seus direitos, leva a criança a



uma maior responsabilidade para consigo mesma. Responsabilidade esta que cada vez mais a impulsiona para uma percepção das necessidades do outro, de seus deveres, para uma abertura, a partir da própria organização e estruturação do seu EU, para a realidade dos outros. De uma responsabilidade individual, para uma responsabilidade social.

A responsabilidade educativa dos pais, no que diz respeito ao desenvolvimento da responsabilidade nos filhos, consiste em fornecer modelos e em propiciar condições para uma aprendizagem satisfatória. Es-

ta aprendizagem vai se proceder pela imitação deles, pais, e das tentativas dos filhos, ou seja, de seus "ensaios e erros".

Preocupação, pois, em ser responsável como pais e em facilitar o desenvolvimento de atributos que permitam ao filho o seu desenvolvimento como SER. Isso lhes assegurará a tranquilidade de que estarão educando uma pessoa que atuará com responsabilidade em todas as áreas e em todas as etapas de vida.

Educar com responsabilidade. Única garantia de educar para a responsabilidade. ■

JANTAR SIMPLES

ENTRADA: Sopa creme de tomates

Rendimento: 3 pessoas

Ingredientes:

1 cubo de caldo de carne
1/4 quilo de tomate
1 colher (sopa) de manteiga
2 colheres (sopa) bem cheias de maisena
2 gemas
1/2 litro de leite
temperos e cheiros verdes

1. Dissolva 1 cubo de caldo de carne em 1 xícara (chá) de água fervente.
2. Junte os tomates passados em liquidificador e deixe ferver bem, junte a manteiga.
3. Dissolva a maisena no leite e junte ao caldo aos poucos, mexendo sempre.
4. Quando começar a engrossar, retire do fogo e junte as gemas ligeiramente batidas.
5. Volte ao fogo novamente para acabar de engrossar.

PRATO PRINCIPAL: Pudim de macarrão

Rendimento: 3 a 4 porções

Ingredientes:

500 g de macarrão cozido na água levemente salgada
1 colher (sopa) de margarina
1 copo de leite
3 ovos
100 g de presunto
3/4 xícara (chá) de queijo parmesão ralado
molho de tomate

1. Leve a margarina ao fogo numa panela. Junte o presunto picadinho, o queijo, o leite e os ovos batidos ligeiramente. Deixe no fogo até abrir fervura.
2. Tire do fogo e misture ao macarrão.
3. Despeje a mistura numa fôrma untada com manteiga e polvilhada com queijo ralado. Desenforme e sirva com molho de tomates e queijo ralado por cima.

ACOMPANHAMENTO: Almôndega recheada

Rendimento: 3 a 4 porções

Ingredientes:

500 g de carne de vaca
1 ovo
1 xícara (chá) de miolo de pão, embebido em leite e bem espremido
1 fatia de presunto ou bacon
1 colherinha (café) de margarina
sal
pimenta-do-reino (se quiser)
1/2 cebola
salsa

1. Passe, na máquina de moer, a carne com o presunto, salsa e cebola.
2. Junte o ovo, o pão, a margarina, sal e a pimenta (se quiser).
3. Misture bem, até ficar uma massa homogênea.
4. Ponha a massa sobre o mármore enfarinhado e faça uma bola grande. Achate-a com as mãos.
5. Coloque, no centro, um ovo cozido e descascado.
6. Feche a almôndega, dando-lhe um formato ovalado.
7. Frite no óleo e ponha no molho de tomate.

SOBREMESA: Creme de ameixas com suspiro

Rendimento: 4 ou 5 porções

Ingredientes:

200 g de ameixas pretas sem caroços
4 ou 5 colheres (sopa) de açúcar
1 copo de leite
1 colher (sopa) de maisena
açúcar a gosto
gotas de baunilha
1 gema
1 colherinha (chá) de margarina
rum
biscoitos champanha ou palitos franceses
2 claras em neve
4 colheres (sopa) de açúcar

1. Faça uma compota com as ameixas e 4 ou 5 colheradas de açúcar, até a calda ficar bem grossa.
2. Prepare um creme com leite, a maisena e o açúcar a gosto. Mexa até engrossar. Junte a gema, deixe um instante no fogo e tire. Junte a margarina e mexa.
3. Bata as claras em neve firme e junte 4 colheradas de açúcar.
4. Molhe os biscoitos no rum e forre um pirex. Ponha por cima uma camada de creme, uma de ameixas e outra de biscoitos.
5. Repita as camadas até terminar. Cubra com o suspiro e leve ao forno para o suspiro corar.

(Fontes de consulta: Receitinhas para você. Sesi, 1977; 6 capítulos de garfo e colher. Anderson, Clayton.)

Aparecida de Goiânia



Igreja Matriz - Centro

Aparecida de Goiânia é uma típica cidade do interior do Brasil, de gente simples e amiga.

Situa-se às margens da Rodovia BR-153, na região Centro-Oeste do Brasil, Estado de Goiás, na micro-região do rio Meia Ponte. Com uma área de 383 km², limita-se a norte com Goiânia, a sul com a cidade de Hidrolândia e a leste e oeste com as cidades de Bela Vista e Aragoiânia, respectivamente. Sua altitude é de 804 m e a temperatura média é de 23,2° — clima tropical regional.

Aparecida de Goiânia dista apenas 17 km da capital do Estado, e a atual administração municipal tem dado incentivos à instalação de indústrias no município, o que tem gerado uma boa fonte de emprego à população.

Contamos hoje com 650 indústrias de grande, médio e pequeno porte, 2.170 lojas comerciais, 52 escolas municipais e estaduais, 2 hospitais públicos e 1 particular, 10 postos de saúde, 28 restaurantes, 6 hotéis e 3 clubes recreativos, dentre eles destacando-se o Tangará Praia Clube.

Aparecida conta hoje com 135.000 habitantes, porém a grande maioria reside nos bairros na divisa da capital.

Os moradores da sede do muni-

cípio têm sua maior fonte de renda na agricultura e pecuária, e são pessoas religiosas e bastante hospitaleiras.

A principal festa da cidade é a "Festa de Maio", quando se comemora o aniversário de Aparecida de Goiânia e homenageia-se a Padroeira da cidade, Nossa Senhora Aparecida. A festa é realizada pela Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, e tem, além da novena, leilões, bingos, e um animado baile no Ranchão da Praça da Matriz.

Na sede do Município há 2 igrejas católicas, a Matriz de Aparecida de Goiânia e a Igreja São Francisco de Assis.

Em 1922, foi fundada a cidade de "Aparecida", que posteriormente passou a chamar-se "Goialândia" e novamente, em homenagem à Nossa Senhora Aparecida, foi denominada "Aparecida de Goiânia". ■

(Dados fornecidos por: Mabel Melo de Oliveira Souza - secretária do Governo Municipal)

Com a publicação desta cidade, encerramos a homenagem que a Revista Ave Maria prestou à Mãe de Deus no corrente Ano Mariano. Fica aberta a seção para que os leitores nos enviem dados, fotos e informações da própria cidade que continuaremos a publicar, mesmo que não haja relação com o nome de Maria.

Queridos catequistas, espero que estes escritos sobre a história da catequese estejam ajudando a reflexão de vocês. Após termos visto o primeiro século, passemos agora para a catequese durante o segundo e terceiro séculos.

Depois de receber a proclamação do kérigma (anúncio de Jesus) o pagão, tocado pela graça, antes de ser batizado, recebia uma *instrução elementar*, mas completa, da mensagem. Era a *catequese propriamente dita*. Como nos tempos apostólicos, é o mistério de Cristo que será objeto desta segunda etapa do ministério da palavra. O conteúdo deste ministério pode ser apresentado como sendo dogmático (apresentando as verdades da fé), mistagógico (que trata da liturgia e dos sacramentos) e moral (que trata do comportamento das pessoas). Nos textos de catequese da época, encontramos todos eles misturados.

1. O conteúdo da catequese dogmática (dogmático)

Do ponto de vista da fé, a grande obra que se nos apresenta é a *Demonstração da pregação evangélica* de São Irineu de Lião.

É um texto tipicamente catequético, escrito para Marciano, um cristão amigo de São Irineu. "É uma memória dos principais pontos da fé... uma pregação da verdade... que Cristo estabeleceu, os apóstolos transmitiram à Igreja e ainda transmite a seus filhos".

Nesta *Demonstração*, São Irineu coloca em ordem "os membros do corpo da verdade" de acordo com o plano do Pai. Mostra, pois, o caráter progressivo deste plano realizado através da história da salvação.

A catequese no segundo e terceiro séculos

Pe. Eugenio Pessato, cmf

Ele chega à estruturação deste corpo da verdade meditando na Sagrada Escritura. Não se trata, porém, de uma leitura de *toda* a Bíblia, mas um aprofundamento de certos grupos tradicionais de textos que se referem tanto às profecias como aos “testemunhos”.

Finalmente, note-se que as categorias teológicas de São Irineu não são outras senão as do judeu-cristianismo: comparando a primeira criação no AT com Adão e a segunda criação no NT em Jesus Cristo.

São Irineu demonstra a harmonia entre as duas etapas da salvação que se manifesta tanto na realização das profecias como no fato de que a criação é obra do mesmo verbo que se fez carne.

2. O conteúdo da catequese sacramentária (mistagógico)

A catequese sacramental, que encontramos na Bíblia (*Hebreus* 6, 1 e 2), desenvolveu-se bastante nos séculos segundo e terceiro.

Tertuliano escreveu o seu *De Baptismo*, a obra mais importante no ponto de vista da catequese sacramental.

Composto entre os anos 200 e 206, o *De Baptismo* é um resumo um pouco desordenado de instruções aos catecúmenos (os que se preparam para o batismo) e para os neófitos (os recém-batizados) de Cartago: “A presente obra irá tratar do nosso sacramento da água, daquela água, que nos lava dos pecados contraídos no tempo em que éramos cegos e nos salva para a vida eterna...”

É também uma obra polêmica contra os cainitas que negavam o valor do batismo, pois, para eles, todos

os elementos da natureza eram maus. Ele elabora sua teologia sacramental partindo da liturgia batismal e, como seus colegas contemporâneos, usa esquemas teológicos judeu-cristãos.

O batismo é antes de tudo um novo nascimento: “Nós peixinhos que trazemos o nome de nosso IKTYYS Jesus Cristo, nós nascemos da água e somos salvos somente se nela estivermos”.

O batismo é também libertação do demônio, dado que o primeiro nascimento estava sob o regime do demônio: “As águas de (Meribá), para se tornarem potáveis e doces, deixaram de ser amargas pelo toque do lenho (a vara) de Moisés. Este lenho era o Cristo que cura as águas, antes envenenadas e amargas, e as transforma em águas agradáveis, as águas do batismo”.

3. O conteúdo moral da catequese e a oração

Se Jesus é o centro de toda catequese dogmática e mistagógica, como acabamos de ver, ele é também o inspirador da *moral cristã* e o modelo que os cristãos devem sempre ter presentes em suas vidas: “Para nós Ele é a imagem sem mancha: com todas as nossas forças precisamos assemelhar nossa alma à dele”. Por isso a finalidade da catequese em geral e da instrução aos catecúmenos não é tanto aperfeiçoar os conhecimentos, mas formar a pessoa à vida cristã.

Portanto, o que era pedido aos catequistas naquela época vale ainda para hoje, ou seja, o catequista não é o professor ou professora que vai ensinar uma ciência aos catequizandos: para isso eles já têm a escola, mas devem ser aqueles que vão lhes transmitir a fé,

principalmente pelos exemplos de vida.

O ensinamento moral sempre é decorrente da verdade em que se crê: “Aqueles que crêem na verdade de nossos ensinamentos e da nossa doutrina nos prometem, antes de tudo, viver conforme esta doutrina. Então nós lhes ensinamos a rezar e a pedir a Deus perdão de seus pecados através do jejum” (São justino).

Esta doutrina, sob a qual se funda a lei moral, é antes de tudo a iniciativa salvífica de Deus que atua na história por meio de Cristo e que São justino chama de “filantropia” — amor à humanidade. ■

Senhor,
o nosso coração
está inquieto...

(S. Agostinho)

Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?

**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraterna
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL
Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos
R. Eng. Figueiredo, 31 - V.ª Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959

ISAAC E REBECA (Gn 23 e 24)

Um casamento na época de Abraão

Norma Termignoni

Coloque nos tracinhos numerados abaixo o que se pede ao lado.
Uma vez preenchidos os tracinhos, transporte as letras para o diagrama seguindo o número que lhe é correspondente. Você obterá uma frase do capítulo 24 versículo 11 do livro do Gênesis.
(O trecho extraído é da *Bíblia Ave Maria*)

9	63	26	74							
5	19	42	93							
2	95	49	71	24						
30	76	64	56	8						
44	50	79	61	86						
33	1	15	94	41	99					
18	78	40	97	58	14					
37	52	91	6	29	73					
31	68	25	75	46	12	45				
27	65	35	57	34	7	22	54			
83	70	16	39	20	80	59	13			
23	62	87	96	17	98	3	43			
82	89	67	92	36	4	60	84			
51	100	90	81	10	38	69	53	88		
77	48	11	47	85	21	55	32	66	72	28

O mesmo que Arão, filho de Sem. Possivelmente a origem do clã dos arameus. Os hebreus acrescentaram este nome como prefixo às cidades e estados arameus. (Gn 10,22)

Senhor do céu e da terra. (Gn 24,7)

Senhor do Egito. (Gn 12-15)

Filho da promessa e portador da Aliança. (Gn 24,4)

Haste seca das gramíneas. (Gn 24,25)

Foi para baixo no caminho inclinado. (Gn 24,16)

Cambiado, diferente, transformado, transportado.

Filha de Batuel, esposa de Isaac, mãe de Esaú e Jacó. (Gn 24,15)

Tempo que uma coisa permanece. (Gn 23,1)

Rapidamente. (Gn 24,65)

Preferir; eleger. (Gn 24,38)

Plantas e grãos para a alimentação do gado. (Gn 24,32)

Abundância; fertilidade; magnificência. (Gn 24,10)

Os parentes considerados em conjunto. (Gn 24,4)

“A terra entre os rios” Tigre e Eufrates. (Gn 24,10)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22			
23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47
48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69			
70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90				
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100															

SER DISCÍPULO SEM MONOPOLIZAR A DEUS

26.º domingo do tempo comum
25/09/88

1.ª leitura: Nm 11, 25-29

Nesta leitura vemos Moisés que se apóia no Espírito recebido do Senhor para exercer a sua missão libertadora. Seus setenta anciãos também recebem este Espírito e agiram por não muito tempo. Dois eleitos, Eldad e Medad, não foram à tenda da Aliança para receber o Espírito, mas mesmo assim o receberam e começaram a profetizar no acampamento. Moisés reconhece neles o dom de Deus e deseja que todo o povo possa receber assim o Espírito.

2.ª leitura: Tg 5, 1-6

Esta perícopes vem alertar aos ricos que eles são membros da comunidade cristã e serve como ameaça aos que não querem repartir suas riquezas com os mais necessitados. Se não houver uma conversão oportuna, estes terão seus castigos, pois acabaram acumulando grande quantidade de bens e deixaram que apodrescessem sem utilizá-los em benefício dos mais carentes. Deus julga sobre a caridade testemunhada aos mais pobres, aqui e agora.

Evangelho: Mc 9, 37-42. 44. 46-47

O Evangelho de hoje nos apresenta Jesus traçando para nós normas precisas e práticas. Podemos notar o zelo para com o problema dos pequenos, que não devem ser perturbados na sua simples fé e menos ainda ser seduzidos para o mal.

Comentário

O Espírito de Deus é incessante e sopra onde e como quer. Deus, na sua liberdade, concede seus dons a quem ele quer. Ele age quebrando os esquemas e estruturas e concede a profecia aos que estão fora da tenda. Esta é também a atitude de Jesus e este põe de sobreaviso os seus discípulos contra qualquer tentação de querer ter o monopólio dos dons do Senhor. As instituições são iniciativas de Deus mas o mais importante é o bom uso que delas fazem as pessoas beneficiadas. Ao lado da Igreja católica, Igreja dos apóstolos, existem outros que pregam o Evangelho, curam os enfermos e reúnem as Igrejas separadas.

Esta evangelização paralela à Igreja ou rival da Igreja possui certos aspectos positivos. Se existem pessoas que evangelizam ao lado da Igreja é porque muita gente ainda não conhece ou não foi atingida pela evangeliza-



ção da Igreja, e aí surgem as Igrejas separadas. A Igreja católica precisa mudar em alguns aspectos a sua maneira de ser. Os católicos precisam urgentemente levar a sério o Evangelho. A Palavra de Deus é eficaz, é transformadora e deve nos levar ao compromisso com os mais necessitados. Jesus promete recompensa pelo mínimo benefício feito a alguém. Temos o dever de segui-lo no caminho da renúncia total e estar prontos para servir a todos, especialmente os mais pequeninos e também devemos estar dispostos a sacrificar inclusive a própria vida pelos outros. O bem deve ser feito e para isso não é necessário que seja dentro da Igreja. O Evangelho é para todos indistintamente.

A liturgia de hoje acentua a possibilidade de Deus agir fora da Assembléia regular. Ainda paira uma mentalidade de se assustar os fiéis contra tudo aquilo que se faz no sincretismo religioso brasileiro. Talvez seria mais evangélico não tanto rejeitar e sim, sem esconder as graves vicissitudes deste tipo de religião, reconhecer que lá também Deus pode levar os homens a colocar em obra seu amor. Esta atitude mostrará uma face compreensiva da Igreja, reconhecendo o bem, e levaria menos pessoas a procurar outros caminhos por não encontrar resposta humana num catolicismo formalizado e intelectualizado.

DIA 26, 2.ª-f.: Jô 1,6-22; Lc 9,46-50. DIA 27, 3.ª-f.: Jô 3,1-3.11-17.20-23; Lc 9,51-56 ou prs: 1 Cor 1,26-31; Mt 9,35-38. DIA 28, 4.ª-f.: Jô 9,1-12.14-16; Lc 9,57-62. DIA 29, 5.ª-f.: Dn 9,9-10.13-14 ou Ap 12,7-12a; Jo 1,47-51. DIA 30, 6.ª-f.: Jô 38,1.12-21; 40,3-5; Lc 10, 13-16. OUTUBRO. DIA 1, SÁBADO: Jô 42,1-3.5-6.12-16; Lc 10,17-24 ou prs Is 66,10-14c; 2 Cor 10,17-11,2; Mt 18,1-5.

INDISSOLUBILIDADE, UM DOM DE DEUS

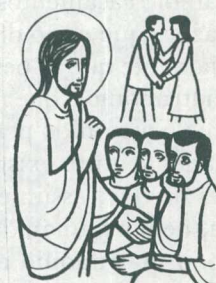
27.º domingo do tempo comum
02/10/88

1.ª leitura: Gn 2, 18-24

Esta perícopes ressalta a união matrimonial como vontade de Deus. Falando do primeiro casal humano, o autor do livro do Gênesis fala de todos os casais humanos. Entre todas as criaturas, só a mulher é a companheira adequada para o homem. Deus criou o homem e a mulher para se unirem no amor. O amor matrimonial é mais forte do que qualquer outro laço humano. Por amor eles deixarão suas casas para formar uma só carne, isto é, um só ser, e para com Deus, dar e promover a vida.

2.ª leitura: Hb 2, 9-11

Esta carta aos Hebreus destaca a grandeza de Cristo



DEIXAR TUDO É A CONDIÇÃO PARA SEGUIR JESUS

28.º domingo do tempo comum
09/10/88

e da fé. Ela descreve para todos nós a plenitude do sacerdócio em Cristo. Jesus, colocado um pouco abaixo dos anjos, é agora elevado acima deles. Sua ressurreição consagra o valor redentor da morte, que é graça de Deus em benefício de todo homem. Cristo se fez nosso irmão, assumiu nossa condição humana até a morte, para quebrar o domínio da morte e nos santificar, introduzindo-nos na glória de Deus.

Evangelho: *Mc 10, 2-16*

O evangelista Marcos nos apresenta a visão cristã do matrimônio. Esta corresponde à vontade original de Deus: Homem e mulher são destinados a uma união inesperável. A legislação mosaica referente ao divórcio veio depois do projeto original e isso por causa da dureza de coração do povo, visto que o casamento nem sempre era o que deveria ser. Jesus se posiciona como o que tem autoridade de restaurar o sentido dado por Deus.

Comentário:

O tema central da liturgia de hoje é o matrimônio. Jesus veio trazer presente o Reino de Deus e, quanto ao matrimônio, é preciso que seja restaurado no sentido que Deus mesmo lhe deu, desde o início. Este sentido está descrito na primeira leitura. Esta narração significa a complementaridade de homem e mulher, é a unidade de vida. O homem opta por uma mulher e, por causa desta opção, deixa sua família de origem e se une a esta mulher pelos laços do matrimônio. Casar é um sinal de compromisso sério. Este plano de Deus para o homem só é possível ser realizado no amor. O amor dos esposos deve ser sempre novo e assim se tornará cada vez mais autêntico. Sabemos que a relação de amor entre os esposos é eterna, é indissolúvel, não morre, pois cresce cada vez mais e se renova. O amor matrimonial deve superar todas as dificuldades, é um amor que deve ter a própria força de Deus. A indissolubilidade do matrimônio deve manter o sentido profundo de participação no amor de Cristo até as últimas conseqüências. Na realidade, sabemos que há muito desamor, casamentos que não dão certo e muitas outras razões que estão destruindo as famílias. Urge necessariamente que as pessoas cultivem o verdadeiro valor do matrimônio e que redescubram a seriedade do compromisso assumido perante Deus e a comunidade. Dificuldades sempre existirão. Mas temos de estar conscientes de que, assim como Cristo não abandonou a Igreja, nem a humanidade quando o crucificaram, também todo matrimônio contraído no Senhor conserva a indissolubilidade entre o casal e entre Cristo e a Igreja. Cristo se faz presente no matrimônio dos que crêem, e dá força, conforto, esperança.

1ª leitura: *Sb 7, 7-11*

Esta leitura é uma releitura da oração de Salomão e da resposta de Deus. Salomão não despreza o poder, a riqueza e a saúde, mas sabe que eles nada valem sem a sabedoria. Esta foi colocada acima de tudo e por isso Deus lhe concedeu a sabedoria juntamente com todos os outros bens.



2ª leitura: *Hb 4, 12-13*

O autor, nestes dois versículos, elabora uma teologia da Palavra de Deus personificada em Cristo. Esta Palavra de Deus dirige a história desde o começo. Esta Palavra sempre foi operante e provocou decisões assim como mudanças de vida. A Palavra da Igreja deve ser assim. Não deve ser simplesmente um discurso, mas deve ser operante, eficaz, viva, deve ser Palavra de um Deus presente na história e que vem torná-lo presente com sua salvação e com seu juízo.

Evangelho: *Mc 10, 17-30*

O evangelista Marcos nos conta o episódio do homem rico que quis ser discípulo de Jesus. Para seguir Jesus é necessário despojar-se daquilo que amarra, no caso, a riqueza. A grandeza do Reino acima de qualquer coisa, acima de tudo, é a condição para o verdadeiro seguimento de Cristo. O verdadeiro seguidor de Jesus Cristo está constantemente diante de uma opção, ou seja, Deus ou as riquezas. O homem chegará às profundezas do mistério de Deus com a liberdade que o desprende do que é superficial e provisório.

Comentário:

Para Deus tudo é possível. Neste Evangelho o homem rico está à procura da vida eterna, da verdadeira sabedoria, o rumo ideal de vida. Jesus apresenta a ele as condições e este constata que já está cumprindo. Jesus vai mais adiante e coloca-o à prova pedindo que sacrifique sua riqueza. O homem desiste e vai embora. Para entrar no Reino de Deus faz-se necessário muita disponibilidade e desprendimento. Para seguir Jesus temos que deixar tudo. Não podemos servir a dois senhores e o dinheiro é um senhor muito exigente, faz com que nos esqueçamos de Deus e bloqueia no caminho

DIA 3, 2ª-f.: Gl 1,6-12; Lc 10,25-37. **DIA 4, 3ª-f.:** Gl 1,13-24; Lc 10,38-42 ou prs Gl 6,14-18; Mt 11,25-30. **DIA 5, 4ª-f.:** Gl 2,1-2.7-14; Lc 11,1-4. **DIA 6, 5ª-f.:** Gl 3,1-5; Lc 11,5-13. **DIA 7, 6ª-f.:** Gl 3,7-14; Lc 11,15-26 ou prs At 1,12-14; Lc 1,26-38. **DIA 8, SÁBADO:** Gl 3,22-29; Lc 11,27-28.

da perfeição aquelas pessoas de coração mais bem disposto. O dinheiro leva as pessoas a cometerem as maiores injustiças sobretudo pela maneira com a qual o homem procura adquiri-lo. Jesus, neste evangelho, pede ao homem rico que supere o seu modo auto-suficiente de proceder e se entregue nas mãos de Deus. "Quem não renuncia a tudo que tem, não pode ser meu discípulo" (Lc 14,33). Somente os pobres é que são capazes de acolher a Boa Nova e ao fazerem-se pobres o Senhor vai enriquecê-los com suas imperscrutáveis riquezas. Pedro, ao final deste Evangelho, comparando-se com o homem rico, diz: "Eis que nós deixamos tudo e te seguimos". Jesus repete a exigência de colocar realmente tudo o que não for o Reino no segundo plano e a recompensa será o cêntuplo de tudo o que se abandonou. A pobreza proposta não significa não possuir nada, mas acima de tudo comprometer-se com os pobres, com os que não têm vez nem voz, com os que não têm capacidade de defender-se, organizar-se, libertar-se. Os cristãos que lutam pela justiça e caridade contribuem muito para o bem-estar da humanidade e a paz universal.

DIA 10, 2ª-f.: Gl 4,22-24.26-27.31-5,1; Lc 11,29-32. **DIA 11, 3ª-f.:** Gl 5,1-6; Lc 11,37-41. **DIA 12, 4ª-f.:** Est 5,1b-2;7,2b-3; Ap 12,1.5.13a.15-16a; Jo 2,1-11. **DIA 13, 5ª-f.:** Ef 1,1-10; Lc 11,47-54. **DIA 14, 6ª-f.:** Ef 1,11-14; Lc 12,1-7. **DIA 15, SÁBADO:** Ef 1,15-23; Lc 12,8-12.

O VERDADEIRO SERVO É AQUELE QUE DÁ A SUA VIDA

29.º domingo do tempo comum
16/10/88

1ª leitura: Is 53,10-11

Neste cântico do Servo Sofredor, os versículos acentuam o cumprimento da vontade divina no sofrimento do Servo e sua vontade de doar sua vida em expiação. Vemos o amor de Deus por seu povo. Este é um amor forte e determinado e culmina com a vontade de atuar a salvação. Deus não segue a lógica dos homens. O justo esmagado assume e resgata as faltas de muitos e carrega sobre si os pecados; por isso, Deus o exalta.



2ª leitura: Hb 4,14-16

Esta perícopé apresenta Jesus, sumo sacerdote, que pela solidariedade se fez em tudo igual a nós exceto no pecado. Ele leva nossa condição humana à santidade de Deus. Temos aqui duas exortações importantes que

podemos elencar: fidelidade na condição de fé (4,14) e confiança na misericórdia divina (4,16).

Evangelho: Mc 10,35-45

Neste Evangelho deparamos com o pedido dos filhos de Zebedeu, que parecem ser um sinal da incompreensão da realidade do seguimento de Jesus, e este caminho é o do serviço até as últimas conseqüências. É a vida escolhida por Jesus, o servo sofredor. Jesus ensina que em vez de ambição estes devem servir. O serviço de Jesus vai até a morte em resgate por muitos.

Comentário

Na primeira leitura o cântico do servo de javé tem como que seu resumo na leitura evangélica em sua parte conclusiva: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". Esta frase, junto com Marcos 14,24, é o único lugar onde Jesus enuncia o motivo da sua morte violenta.

O justo padecente é o modelo pelo qual Jesus concebe sua missão. Quando os filhos de Zebedeu, ou seja, os seus melhores discípulos, quiseram reservar os lugares de honra no Reino, Jesus lhes ensina que tais pretensões cabem aos poderosos deste mundo, mas não têm vez no Reino de Deus. No Reino de Deus se deve beber o cálice de Jesus, receber o batismo que ele recebe. O poder no Reino de Deus está resumido nesta palavra: *servir*. No Reino de Deus, Reino de amor, o amor só tem poder enquanto ele é verdadeira doação e se coloca a serviço. Para Deus o importante é atingir profundamente o coração e para isso é necessário penetrar até o nível da liberdade da pessoa. A liberdade surge no momento de se tomar decisões. Jesus quer estar a serviço, para que todos os homens possam com toda liberdade decidir que reino preferem. Servir é colocar-se em condições de ser o menor dos menores. Diante dos pequenos o homem revela o que há de mais profundo em seu coração. O homem revela a bondade ou a sede de poder.

Jesus, assumindo o caminho do paciente testemunho da verdade, torna-se o servo sofredor e sem defesa. O resultado, como era de se esperar, só poderia ser o que de fato aconteceu. Jesus foi eliminado e até mesmo os seus discípulos tiveram vergonha dele. Em Jesus Cristo o servo é o que santifica e se torna o verdadeiro sacerdote pela fidelidade a sua missão. Ele é um sacerdote que participa com todas as pessoas e torna a sua própria existência instrumento de salvação.

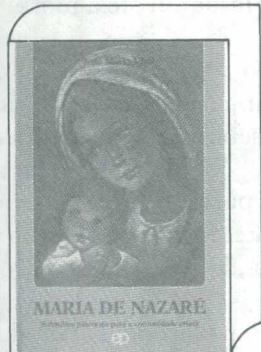
Helio Ap. Alves de Oliveira, cmf

DIA 17, 2ª-f.: Ef 2,1-10; Lc 12,13-21. **DIA 18, 3ª-f.:** 2Tm 4,10-17b; Lc 10,1-9. **DIA 19, 4ª-f.:** Ef 3,2-12; Lc 12,39-48. **DIA 20, 5ª-f.:** Ef 3,14-21; Lc 12,49-53. **DIA 21, 6ª-f.:** Ef 4,1-6; Lc 12,54-59. **DIA 22, SÁBADO:** Ef 4,7-16; Lc 13,1-9.



365 DIAS, 365 HISTÓRIAS — Pe. Clóvis Bovo, C.S.S.R., Editora Santuário, 373 págs. Ótimo livro para ser utilizado como leitura particular ou comunitária. Traz o santo do dia, com algum fato de sua vida aplicado aos tempos atuais. Não foi preocupação do autor verificar a veracidade histórica do fato, mas a sua mensagem, a sua aplicação na vida. A mensagem que cada história possa oferecer fica dependendo da reflexão que se fizer após a leitura. O dia que não há fato para o santo do dia, foi preenchida a lacuna com outras histórias e parábolas.

MARIA DE NAZARÉ — José Maria Vigil, Edições Paulinas, 139 págs. Apresentamos aqui 31 celebrações marianas: as do mês de Maria, algumas novenas ou outras celebrações. A apresentação é clara, sucinta e comunicativa. É um livro útil para grupos e comunidades de oração e de pastoral para comunidades religiosas ou seminários, na oração pessoal e na oração comunitária. O próprio autor adverte que se deve "selecionar, corrigir, substituir, adaptar" os conteúdos.



DEUS FUTURO DO HOMEM — Segundo Galilea, AM edições, 61 págs. A reflexão feita pelo autor leva o leitor a concluir que a vida futura é a Plenitude do Reino. Que o futuro do homem é o Reino, mas ele também deve ser vivido no agora. Muitas vezes o homem sente-se insatisfeito, porque nem sempre procura aproximar-se de Deus que é o futuro dele e o único que poderá libertá-lo. A Igreja é a mediação pela qual podemos experimentar a antecipação da vida futura.

FRANCISCO, O POBREZINHO — José Luiz Cortés, AM edições, 158 págs. Temos aqui a vida de Francisco de Assis, contada através de desenhos que aproximam o século XIII e os dias de hoje. Este livro teve muito sucesso na Europa. Embora possa ser lido e apreciado por crianças, foi escrito para adultos, que conseguirão ler nas entrelinhas a profundidade de suas mensagens. O autor pretende, com seus livros, divulgar o espírito do Evangelho com outros olhos.



EDUCAÇÃO LÚDICA — Paulo Nunes de Almeida, Edições Loyola, 195 págs. O autor apresenta neste livro o jogo usado como desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, psicomotor, verbal, integrado à formação da personalidade da criança. É um livro muito útil como auxiliar pedagógico aplicado a qualquer nível de ensino. A obra já está em sua 5ª edição, o que significa uma aceitação muito grande, principalmente pelos professores e especialistas de diversas áreas do conhecimento.



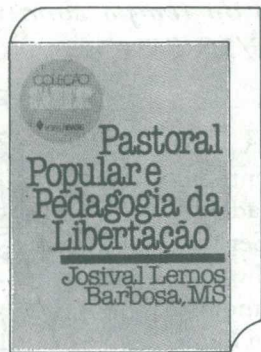
COMO VIVER A SEXUALIDADE — Ovídio Zanini, Edições Loyola, 92 págs. Um livro de orientação sexual para casados e para celibatários, enfim para todos os que desejam realizar o dom e o talento de sua sexualidade. A sexualidade humana é uma força poderosa, colocada no homem por Deus, e quando bem orientada levará a pessoa à plenitude de seus valores e de sua perfeição humana. Encontramos no final do livro uma enumeração de conselhos de sexualidade e um pequeno vocabulário sobre o assunto.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL — Alfredo Casado, Editora Cidade Nova, 93 págs. O autor tem o objetivo de abrir os olhos para o universo das comunicações. Levar o leitor a analisar o que existe no fundo de todas as mensagens que são transmitidas pelos meios de comunicação social e principalmente ser para os pais, educadores, professores o manual que oriente o público leigo no assunto. Apresenta ainda propostas de ação para profissionais, operadores e para aqueles que detêm o poder dos MCS.



OS DEZ MANDAMENTOS E OS DEBUTOS HUMANOS — Walter Harrelson, Edições Paulinas, 248 págs. Como o próprio prefácio do livro diz, este estudo procura apenas mostrar quanto os Dez Mandamentos significam para a compreensão bíblica dos direitos do ser humano relativamente aos seus semelhantes, e quanto eles são importantes para o Novo Testamento e a vida humana hoje em dia. Tem como finalidade encorajar pessoas e grupos a procurarem na Bíblia a orientação para a vida de hoje.

PASTORAL POPULAR E PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO — Josival Lemos Barbosa, Editora Vozes, 78 págs. Não é suficiente ter fé ou boa vontade para poder realizar uma prática pastoral realmente libertadora. É preciso conhecer bem a Palavra de Deus e a realidade social onde atuamos. É preciso distinguir, entre os vários instrumentos de pastoral, qual é o mais eficaz. Este opúsculo é um subsídio, tentando atender às necessidades dos animadores, coordenadores e agentes da Pastoral Popular no Brasil.



ÉTICA COMUNITÁRIA — Enrique Dussel, Editora Vozes, 268 págs. Este livro aborda 10 temas: práxis e reino; bondade e vida; morais relativas e ética absoluta; 10 questões disputadas, entre as quais, ética do trabalho, crítica ética do capital, transnacionais, lutas de classe etc. É um livro didático, aproximando vida e Escritura, apresentando questões a serem debatidas em círculos de estudo. O livro faz parte de uma série denominada "A libertação na história" e da coleção "Teologia e libertação".

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

LIVRARIA AVE MARIA
Cx. Postal 54.215
01226 — SÃO PAULO

(Tels.: 66-0582 e 825-0700)

- 365 dias, 365 histórias..... Cz\$ 650,00
- Maria de Nazaré..... Cz\$ 310,00
- Deus, futuro do homem..... Cz\$ 500,00
- Francisco, o pobrezinho..... Cz\$ 1.450,00
- Educação lúdica..... Cz\$ 1.250,00

- Como viver a sexualidade..... Cz\$ 620,00
- Os meios de comunicação social..... Cz\$ 390,00
- Os dez mandamentos e os direitos humanos Cz\$ 950,00
- Pastoral popular e pedagogia da libertação... Cz\$ 400,00
- Ética comunitária..... Cz\$ 1.850,00

Nome: _____
Rua: _____ N.º _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Assinatura: _____

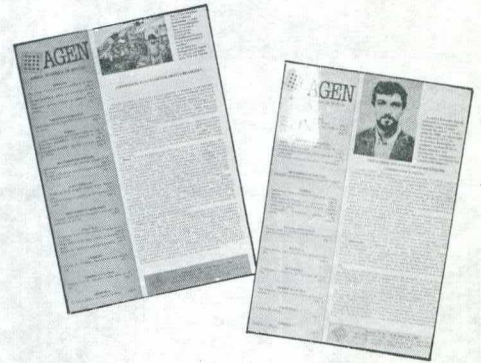
Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 50,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correio.

**QUE BOM
QUE VOCÊ VEIO!**
(Recado do Cortês)



AGEN
AGÊNCIA ECUMÊNICA DE NOTÍCIAS

**ASSINE E DIVULGUE
O BOLETIM AGEN**



Uma cobertura alternativa para quem deseja estar sempre informado sobre o cotidiano das Igrejas, direitos humanos, movimentos sociais, economia, América Latina e Terceiro Mundo.

PREÇOS DA ASSINATURA ANUAL

Brasil - Cz\$ 2.000,00 (individual)
Cz\$ 2.500,00 (institucional)

América Latina - US\$ 35
Outros países - US\$ 70

Avenida Ipiranga, 1267, 14º andar, CEP 01039, São Paulo, SP, Brasil, Endereço telegráfico: Ecumênica. Telefone: (011) 229-6734. Telex: 11.25824 AECN-BR.

SIM. Quero receber regularmente o boletim semanal da Agência Ecumênica de Notícias. Para isto, estou fazendo uma assinatura anual, a partir do mês de _____ de _____

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____
País _____ Número do cheque ou vale postal _____
Telefone _____
Assinatura _____ Data _____





Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas; somente nas volteadas se apanhava a gadoaria xucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos...

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias-doblas e mais muita prataria; porém era muito caúla e muito mau, muito.

Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se

O Negrinho do Pastoreio

abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha

de vontade dar-lhe um auxílio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com ele, porque o homem só dava para comer um churrasco de touro magro, farinha grossa e erva-caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somitizaria e choradeira, que parecia que era o seu próprio couro que ele estava lonqueando...

Só para três viventes ele olhava nos olhos: era para o filho, menino cargoso como uma mosca,

para um baio cabos negros, que era o seu parelheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente o — Negrinho.

A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem.

Todas as madrugadas o Negrinho galopeava o parelheiro baio; depois conduzia os avios do chimmarrão e à tarde sofria os maus-tratos do menino, que o judiava e se ria.

Um dia, depois de muitas negaças, o estancieiro atou carreira com um seu vizinho. Este queria que a parada fosse para os pobres; o outro que não, que não! que a parada devia ser do dono do cavalo que ganhasse. E trataram: o tiro era trinta quadras, a parada, mil onças de ouro.

No dia aprazado, na cancha da carreira havia gente como em festa de santo grande.

Entre os dois parelheiros a gauchada não sabia se decidir, tão perfeito era e bem lançado cada um dos animais. Do baio era fama que quando coria, coria tanto, que o vento assobiava-lhe nas crinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não se lhe viam as patas baterem no chão... E do mouro era voz que quanto mais cancha, mais agüente, e que desde a largada ele ia ser como um laço que se arrebenta...

As parcerias abriram as guaiacas, e aí no mais já se apostavam aперos contra rebanhos e redomões contra lenços.

— Pelo baio! Luz e doble!

— Pelo mouro! Doble e luz!...

Os corredores fizeram as suas partidas à vontade e depois as obrigadas; e quando foi na última, fizeram ambos a sua senha e se convidaram. E amagando o corpo, de rebenque no ar, largaram, os parelheiros menear-do cascos, que parecia uma tormenta...

— Empate! Empate! gritavam os aficionados ao longo da cancha por onde

passava a parelha veloz, compassada como numa colhera.

— Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! gemia o Negrinho. Se o sete-léguas perde, o meu senhor me mata! Hip! hip! hip!...

E baixava o rebenque, cobrindo a marca do baio.

— Se o corta-vento ganhar é só para os pobres!... retrucava o outro corredor. Hip! hip!

E cerrava as esporas no mouro.

Mas os fletes corriam, compassados como numa colhera. Quando foi na última quadra, o mouro vinha arrematado e o baio vinha aos tirões... mas sempre juntos, sempre emparelhados.

E a duas braças da raia, quase em cima do laço, o baio assentou de supetão, pôs-se em pé e fez uma caravolta, de modo que deu ao mouro tempo mais que preciso para passar, ganhando de luz aberta! E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetaço.

— Foi mau jogo! gritava o estancieiro.

— Mau jogo! secundavam os outros da sua parceria.

A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; mais de uma terena coçou o punho da adaga, mais de um desapresilhou a pistola, mais um virou as esporas para o peito do pé... Mas o juiz, que era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiaraju, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo. Abanando a cabeça branca, sentenciou, para todos ouvirem:

— Foi na lei! A carreira é de parada morta; perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro. Quem perdeu, que pague. Eu perdi cem gateadas; quem as ganhou venha buscá-las. Foi na lei!

Não havia o que alegar. Despeitado e furioso o estancieiro pagou a parada, à vista de todos, atirando as mil onças de ouro sobre o poncho do seu contrário, estendido no chão.

E foi um alegrão por aqueles pagos, porque logo o ganhador mandou distribuir tambeiros e leiteiras,



côvados de baeta e baguais e deu o resto, de mota, ao pobreroio. Depois as carreiras seguiram com os changueiritos que havia.

O estancieiro retirou-se para a sua casa e veio pensando, pensando, calado, em todo o caminho. A cara dele vinha lisa, mas o coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado a meia espalda... O trompaço das mil onças tinha lhe arrebitado a alma.

E conforme apeou-se, da mesma vereda mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

Na madrugada saiu com ele e quando chegou no alto da coxilha falou assim:

— Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos negros...

O baio fica de piquete na sogá e tu ficarás de estaca!

O Negrinho começou a chorar, enquanto os cavalos iam pastando.

Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite. O Negrinho, varado de fome e já sem força nas mãos, enleou a sogá num pulso e deitou-se encostado a um cupim.

Vieram então as corujas e fizeram roda, voando, paradas no ar, e todas olhavam-no com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão. E uma piou e todos piaram, como rindo-se dele, paradas no ar, sem barulho nas asas.

O Negrinho tremia, de medo... porém de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu.

E dormiu. Era já tarde da noite, iam passan-

RELENDO A BÍBLIA

RESULTADO

ARAM
9 83 26 74

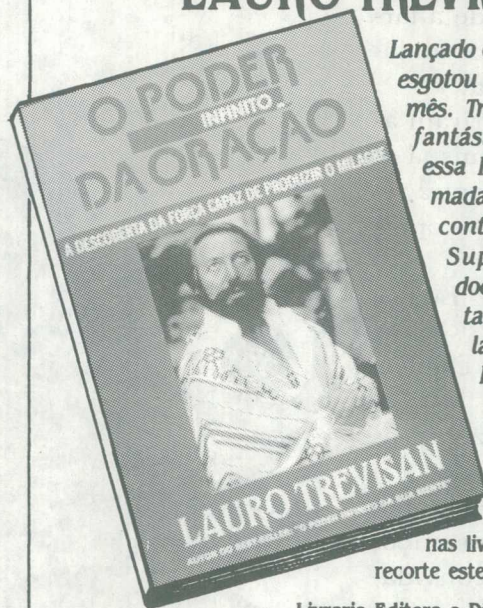
DEUS
5 19 42 93
EARRAO
2 35 49 71 24
ISSAC
30 76 84 56 8
PALHA
44 50 79 61 86
DESCEU
33 18 84 41 99
MUDADO
18 78 40 97 58 14
REBECA
37 52 91 6 22 73

DURACAO
31 68 25 75 46 12 45
DEPRESSA
27 65 35 57 34 7 22 64
ESCOLHER
93 70 16 39 20 80 59 13
FORAGEM
23 62 97 96 17 98 43
RIQUEZAS
82 89 67 92 36 4 60 84
PARENTELA
51 100 90 81 10 38 69 33 88
MESOPOTAMIA
77 48 11 47 85 21 55 32 66 72 28

E FEZ DESCANSAR OS CAMELOS
FORA DA CIDADE PERTO DE UM POÇO
ERA PELA TARDE A HORA EM QUE
SAIAM AS MULHERES PARA IR
BUSCAR AGUA (Gn 24,11)
91 92 93 94 95 96 97 98 99 100

O PODER INFINITO DA ORAÇÃO

LAURO TREVISAN



Lançado em fevereiro/1988, esgotou 5 edições em um mês. Trata-se de um livro fantástico, escrito sobre essa Força Infinita, chamada oração. Entre em contato com o Poder Superior, que cura doenças, remove montanhas e realiza o milagre. Adquirá ainda HOJE esta obra maravilhosa.

Se você não encontrar este livro nas livrarias da sua cidade, recorte este cupom e remeta-o à

Livraria Editora e Distribuidora da Mente
CP 955 - CEP 97.100 - Santa Maria - RS

Peço remeterem pelo correio, contra reembolso postal, exemplar(es) do Livro "O PODER INFINITO DA ORAÇÃO", pelo preço de Cz\$ 790,00 mais despesas de remessa. C.R.

Data: / / Assinatura:
Nome completo:
Endereço:
Cidade: CEP Estado:

do as estrelas; o Cruzeiro apareceu, subiu e passou; passaram as Três-Marias; a estrela d'alva subiu... Então vieram os guaraxains ladrões e farejaram o Negrinho e cortaram a guasca da soça. O baio sentindo-se solto rufou a galope, e toda a tropilha com ele, escaramuçando no escuro e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho; os guaraxains fugiram, dando berros de escárnio. Os galos estavam cantando, mas nem o céu nem as barras do dia se enxergava: era a cerração que tapava tudo.

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

O menino maleva foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam. O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

E quando era já noite fechada ordenou-lhe que fosse campear o perdido. Rengueando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratório da casa, tomou o coto de vela aceso em frente da imagem e saiu para o campo.

Por coxilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cêra no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo. O gado ficou deitado, os touros não escarvaram a terra e as manadas xucras não dispararam... Quando os galos estavam cantando, como na véspera, os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha, até a coxilha que o seu senhor lhe marcara.

E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu...

Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas; e sonhando com a Virgem, sua madrinha, o Negrinho dormiu. E não apareceram nem as corujas agourelas nem os guaraxains ladrões; porém pior do que os bichos maus, ao clarear o dia veio o me-

nino, filho do estancieiro e enxotou os cavalos, que se dispersaram, disparando campo fora, retouçando e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho e o menino maleva foi dizer ao seu pai que os cavalos não estavam lá...

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou...

O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho... dar-lhe até ele não mais chorar nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo... O Negrinho chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma música, e pareceu que morreu...

E como já era de noite e para não gastar a enxada em fazer uma cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos... E assanhou bem as formigas; e quando elas, raivosas, cobriram todo o corpo do Negrinho e começaram a trincá-lo, é que então ele se foi embora, sem olhar para trás.

Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...

Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.

Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto.

E três dias houve cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

A peonada bateu o campo, porém ninguém achou a tropilha e nem rastro.

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo.

Qual não foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé,



com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Vendo isso, o senhor prostrou-se diante do escravo.

E o Negrinho, sarado e risonho, pulando de em pêlo e sem rédeas, no baio, chupou o beico e tocou a tropilha a galope.

E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não chorou, e nem se riu.

Correu no vizindário a nova do fadário e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro.

Porém logo, de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir notícias de um caso que parecia um milagre novo...

E era, que os posteiros e os andantes, os que dormiam sob as palhas dos ranchos e os que dormiam na cama das macegas, os chasques que cortavam por atalhos e os tropeiros que vinham pelas estradas, mascates e carreteiros, todos davam notícia — da mesma hora — de ter visto passar, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, gineteando de em pêlo, em um cavalo baio!...

Então, muitos acenderam velas e rezaram o padre-nosso pela alma do jodiado. Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma



vela, cuja luz ele levava para apagar a do altar da sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora, que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver.

Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas; a sua tropilha esparrama-se; e um aqui, outro lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estâncias acontece a disparada das cavalhadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta, nem na culatra.

Desde então e ainda hoje, conduzindo o seu pastoreio o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restin-

gas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as Coxilhas e desce às canhadas.

O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, põdo-os de jeito a serem achados pelos seus cães, quando estes acendem um coto de vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem Senhora Nossa, madrinha dos que não a têm.

Quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo — Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi!...

Se ele não achar... ninguém mais.